



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Parque Urbano da Frente Costeira de São João da Talha: Uma Estratégia de Intervenção para o Desenho da Cidade Sustentável e Inclusiva

Paula Cristina Câmara Peixoto Rodrigues

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador(a):

Doutora Maria Rosália Palma Guerreiro, Professora Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Doutora Sara Eloy Cardoso Rodrigues, Professora Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Parque Urbano da Frente Costeira de São João da Talha: Uma Estratégia de Intervenção para o Desenho da Cidade Sustentável e Inclusiva

Paula Cristina Câmara Peixoto Rodrigues

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador(a):

Doutora Maria Rosália Palma Guerreiro, Professora Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Doutora Sara Eloy Cardoso Rodrigues, Professora Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Novembro, 2022

“Cuando llegue la inspiración, que me encuentre trabajando”

Pablo Picasso

Agradecimento

Agradeço em primeiro lugar, aos meus Pais e irmão pelo apoio emocional e por terem sempre acreditado em mim.

Agradeço também ao Luís Raposo por estar presente nas alturas que mais precisei, e a todos os amigos, que me apoiaram durante esta jornada.

Agradeço também a mim, pela força, dedicação, e nunca ter desistido.

Não menos importante, agradeço à Professora Rosália Guerreiro pelo acompanhamento incansável e imprescindível e pela motivação e disponibilidade prestada, durante todo o meu trabalho.

Ao meu grupo, mas principalmente ao João Jardim, pelas suas palavras sábias nos momentos certos.

Agradeço à professora Sara Eloy pela ajuda prestada.

Resumo

À medida que as cidades crescem, ocupando vastas áreas rurais e esbatendo a relação cidade campo, torna-se cada vez mais importante o planeamento de novas infraestruturas verdes regionais, que promovam a qualidade de vida das populações e a sustentabilidade do território metropolitano.

Tomando como caso de estudo o bairro habitacional de São João da Talha e no contexto da implementação do Parque da Várzea e Costeiras de Loures (PVCL), a presente dissertação visa elaborar uma estratégia de intervenção para um Parque Urbano a poente do referido bairro, numa zona costeira de elevado valor cénico, sobre o vale do Rio Trancão.

A estratégia de intervenção, assenta nos princípios da ecologia do lugar e do desenvolvimento sustentável, na análise in loco e do contexto. Foram inventariados os principais atributos físicos, biológicos e culturais que caracterizam o lugar. O uso dos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) foi um aspeto fundamental do processo de investigação. Permitiu o mapeamento, inventariação e análise espacial dos atributos numa abordagem simultânea e a várias escalas.

As soluções propostas para a área de intervenção procuram assim refletir a análise cuidadosa do lugar e a avaliação do seu contexto. Só assim se pode alcançar a melhor qualidade do ambiente construído. A intervenção do Parque Urbano da Frente Costeira de S. João da Talha estabelece uma interface para coesão territorial e inclusão das comunidades locais. Permite a criação de uma nova frente urbana estruturante do espaço público, criando simultaneamente uma nova porta de entrada para o usufruto e utilização do PVCL.

Palavras Chave: Parque Urbano, Espaço Público, Cidade-Campo, Mobilidade, Espaços de Permanência, Percurso.

Abstract

As cities grow, occupying rural areas and blurring the city-to-country relationship, the planning of new regional green infrastructures becomes increasingly important. This promotes the quality of life of populations and the sustainability of the metropolitan territory.

Using the residential neighborhood of São João da Talha and in the context of the implementation of the Parque da Várzea e Costeiras de Loures (PVCL), this dissertation aims to create an intervention strategy for an Urban Park to the west of the referred neighborhood, in a coastal area of high scenic value, over the Trancão River valley.

The strategy is based on the principles of the ecology of the place and sustainable development, in the place and context analysis. The main physical, biological and cultural attributes that characterize the place were inventoried. The use of Geographic Information Systems (GIS) was a key aspect of the research process. It allowed for the mapping, inventorying, and spatial analysis of attributes in a simultaneous approach and at various scales.

The proposed intervention area thus seeks to reflect the careful analysis of the place and the assessment of its context. This is the only way to achieve the best quality of the built environment. The intervention of the S. João da Talha Coastal Front Urban Park establishes an interface for territorial cohesion and inclusion of local communities. It allows the creation of a new urban front structuring the public space, simultaneously creating a new gateway for the enjoyment and use of PVCL.

Keywords: Urban Park, Public Space, Town and Country, Mobility, Places, Walking.

Índice

Agradecimento	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Lista de Abreviaturas	xi
Introdução	13
1. Cidades e Comunidades Sustentáveis: Uma linguagem de padrões	17
1.1 Interligações Cidade - Campo	17
1.2 Espaço Positivo: O Padrão de Amarelo, Verde, Cinzento e Vermelho	18
1.3 Espaços verdes e lugares para sentar	20
1.4 Lugares de Contemplação	20
1.5 Lugares Sagrados	21
1.6 Percursos e Metas	23
1.7 Lugares Sagrados	24
1.8 Recuperação do Lugar	26
1.9 Limites	27
1.10 Árvores e Lugares	27
1.11 Vistas e Pontos de Observação	28
2. Várzea de Loures	33
1.1 Enquadramento territorial	33
1.2 Atributos Físicos, Biológicos e Culturais	34
1.3 PVCL - Parque da Várzea e Costeiras de Loures	40
3. Área de Intervenção – A Porta de São João da Talha e Especificidade do Lugar	47
3.1 Localização e História	47
1.2 Suporte Físico Natural	49
3.3 Análise bioclimática	51
3.3.1 Carta solar	51
3.3.2 Brisas e Ventos dominantes	52
3.4 Estrutura funcional e malha urbana	54
3.5 Diagnóstico do lugar: Integração e síntese	56
4. Parque Urbano da Frente Costeira de São João da Talha: Uma Estratégia de Intervenção para o Desenho da Cidade Sustentável e Inclusiva	59
4.1 Rede de Caminhos	59
4.2 Parque Urbano - ligar a Várzea à Urbe	62
4.3 Cordão de Vistas	66
4.4 Miradouros	68
Conclusões	71
Referências Bibliográficas	73
Lista de Figuras	75
Anexos	79

Lista de Abreviaturas

AML – Área Metropolitana de Lisboa

PVCL – Parque da Várzea e Costeira de Loures

PAVCL – Parque Agrário da Várzea e Costeiras de Loures

UÉ – Universidade de Évora

CM – Câmara Municipal

CML – Câmara Municipal de Loures

EXPO – Exposição Internacional

DL – Decreto de Lei

ODS – Objetivos de desenvolvimento sustentável

ONU – Organização das Nações Unidas

PDM – Plano Diretor Municipal

PP – Plano de pormenor

POR Lisboa – Programa Operacional Regional de Lisboa

ROS/ROMS – Relevo ondulado suave / Relevo ondulado muito suave

RMV – Relevo movimentado

IC2 – Itinerário Complementar n.º2

SWOT – Strengths (Forças), Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades) e Threats (Ameaças)

SIG – Sistema de informação geográfica

QGIS - Quantum Geographic Information System (Sistema de Informação Geográfica de dados abertos)

Introdução

À medida que as grandes cidades vão crescendo, ocupando vastas áreas rurais e esbatendo a relação cidade-campo, torna-se cada vez mais importante o planeamento de novas infraestruturas verdes regionais, que promovam a qualidade de vida das populações e a sustentabilidade do território metropolitano.

No contexto da AML, a Várzea de Loures apresenta um carácter de grande parque intermunicipal. Ocupa uma área central pouco povoada, ligando as cidades de Loures e Sacavém e concentra 80 % da população do concelho de Loures em seu redor. Nas grandes áreas metropolitanas, o acesso ao campo, torna-se cada vez mais longe e mais difícil. Estruturas como esta, com uma forte presença de água (rios, ribeiras, valas, etc...), sendo o rio Trancão o principal, apresentam uma grande mais valia, não só para o concelho mas para toda a área metropolitana.

A CM de Loures prevê no seu PDM para este território o Parque da Várzea e Costeiras de Loures (PVCL) para servir os habitantes, tanto na sua envolvente como na AML. Sendo um parque com características muito especiais, pelo seu carácter essencialmente produtivo e agrícola, prevê-se que a sua concretização seja feita através de vários projetos para áreas mais detalhadas e com características bastante diferenciadas.

Os parques urbanos e outros espaços públicos verdes são essenciais para a criação de um ambiente ecológico saudável dentro das cidades (Platt, Rowntree e Muick, 1994). Tanto que oferecem benefícios ecológicos vitais, incluindo ar puro e a preservação dos sistemas aquáticos (Spirn, 1984). Para além disso, existem ainda os benefícios psicológicos dos espaços verdes, assunto ainda pouco explorado. Os parques urbanos e as árvores têm uma importância especial para os moradores urbanos. As pessoas sentem-se fortemente atraídas por árvores e outros espaços verdes, (Dwyer, Schroeder e Gobster, 1994).

Neste contexto, surge a minha dissertação de Projeto Final de Arquitetura, cujo objetivo principal é criar uma “porta” que permita ligar a Várzea à Urbe, através da formalização de um Parque Urbano nas traseiras do aglomerado de S. João da Talha, numa zona desaproveitada e expectante, mas que se caracteriza pelo seu elevado valor cénico, sobre a paisagem da Várzea e rio Trancão. O objeto e a escala de abordagem serão, portanto, os do desenho urbano e da paisagem.

Tendo em conta os objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) definidos pela ONU, a estratégia de intervenção enquadra-se prioritariamente na produção de Cidades e Comunidades sustentáveis (ODS 11), Ação Climática (ODS 13) e Proteção da Vida Terrestre (ODS 15). Procura-se assim contribuir para que o bairro de S. João da Talha se torne uma comunidade mais inclusiva, segura, resiliente e sustentável através da criação de espaços verdes públicos seguros e acessíveis para todos, incluindo os grupos de risco. Paralelamente, procura-se minimizar o impacto das alterações climáticas e melhorar o conforto e a imagem ambiental, recorrendo ao estudo das características do lugar e seu contexto, uso de materiais sustentáveis e locais que ajudem a restaurar e promover a utilização sustentável dos ecossistemas terrestres, nomeadamente o ecossistema da Várzea de Loures.

Mais especificamente esta dissertação procura responder aos seguintes objetivos específicos:

- Compreender os princípios do desenho urbano que tornam as nossas cidades e comunidades mais sustentáveis e inclusivas nomeadamente em contextos suburbanos das grandes áreas metropolitanas, (Capítulo 1).
- Compreender o papel dos espaços públicos enquanto produtores de sustentabilidade ambiental. Neste contexto, qual o papel dos parques urbanos e das infraestruturas verdes regionais, (Capítulo 1).
- Analisar a Várzea de Loures, nomeadamente os seus atributos físicos, biológicas e culturais que promovem a criação de uma rede de espaços verdes que regenerem os sistemas ecológicos e restabeleçam corredores ambientais (vida selvagem, cursos de água, etc.) e suportem a biodiversidade das áreas urbanas, nomeadamente em São João da Talha (Capítulo 2).
- Analisar o Parque da Várzea e Costeira de Loures (PVCL), e respetivos projetos propostos pela CML para a sua concretização, nomeadamente no que se refere à acessibilidade pedonal e ciclável bem como à definição das “Portas de Entrada” para a Várzea de Loures (Capítulo 2).
- Analisar a área de intervenção, Porta de São João da Talha, nas suas múltiplas dimensões com vista, à valorização do carácter e vocação daquele lugar, tendo em conta os suporte físico natural, os aspetos bioclimáticos, a acessibilidade, os usos do solo, a estrutura do espaço edificado e do não edificado, (Capítulo 3).
- Delinear uma estratégia de intervenção para o Parque Urbano da Frente Costeira de São João da Talha que dê continuidade à rede de espaços verdes do PVCL (Parque da Várzea e Costeiras de Loures) e promova a ligação entre a Várzea e a Urbe, através da demarcação clara de uma porta de entrada, por um lado, e o remate da malha urbana, por outro.

A experiência no local, a análise inter-escalas, o estudo do contexto e a ideologia ‘projetar com o lugar’, são os aspetos fundamentais da abordagem metodológica desta dissertação. O uso dos Sistemas de Informação Geográfica (SIG) foi uma ferramenta essencial do processo de investigação. Permitiu o mapeamento, inventariação e análise espacial dos atributos numa abordagem simultânea e a várias escalas.

Numa primeira fase e paralelamente à pesquisa bibliográfica sobre o tema, foi elaborado em grupo, um inventário in loco do território da Várzea sobre os seus atributos físicos, biológicos e culturais. Na fase seguinte, Análise - Síntese - Diagnóstico, foi feita uma aproximação à área de intervenção (Costeira de São João da Talha) e após a identificação dos problemas e potencialidades deste território como um todo.

Identificada a vocação de espaço público verde (Parque Urbano) neste lugar, com um cenário de vistas deslumbrante sobre o território da várzea, a proposta de intervenção parte inicialmente dum plano conceptual / diagrama de lugar para Costeira de São João da Talha, que articula três linhas orientadoras: Criação de um espaço-verde estruturante do espaço público interligado com contexto e enquanto prolongamento de sistemas ecológicos, indicação clara de espaço-porta de entrada na várzea articulado com a rede de percursos envolventes e a criação de uma frente urbana costeira que remate as traseiras do aglomerado urbano. As propostas de intervenção, procuram assim, tirar partido das potencialidades existentes e resolver ou minimizar os problemas encontrados através duma metodologia SWOT.

O trabalho está estruturado em 4 capítulos para além da Introdução e da Conclusão.

O Capítulo 1 analisa os princípios da construção de cidades e comunidades sustentáveis e inclusivas e o papel dos espaços públicos verdes enquanto produtores de sustentabilidade ambiental. Aqui serão abordadas algumas técnicas de análise do lugar bem como dos padrões de desenvolvimento espacial.

O Capítulo 2, resulta principalmente das visitas e vivências no local e elabora o mapeamento dos atributos físicos, biológicos e culturais presentes na Várzea de Loures. Aqui será analisado PVCL e respetivos projetos propostos pela CML para a sua concretização, nomeadamente no que se refere à acessibilidade pedonal e ciclável bem como à definição das “Portas de Entrada” para a Várzea de Loures.

O Capítulo 3 analisa a área de intervenção, Porta de São João da Talha, nas suas múltiplas dimensões, morfológica, preceptiva, social, visual, funcional e temporal. As várias dimensões serão apresentadas através quadro SWOT que servirá de base à elaboração das propostas.

Finalmente o Capítulo 4 procura delinear uma estratégia de intervenção a designar por Parque Urbano da Frente Costeira de São João da Talha sobre a distribuição espaços verdes, circulação automóvel e pedonal, edificado, usos e atividades.

1. Cidades e Comunidades Sustentáveis: Uma linguagem de padrões

O presente Capítulo, de revisão bibliográfica, analisa alguns princípios da construção de cidades e comunidades sustentáveis e inclusivas bem como o papel dos espaços públicos verdes enquanto produtores de sustentabilidade ambiental. Serão, portanto, apresentados alguns conceitos e perspectivas teóricas essenciais bem como abordadas algumas técnicas de análise do lugar e padrões de desenvolvimento espacial.

Em 1977, Christopher Alexander publica a sua obra “A pattern language”. O trabalho sintetiza um conjunto de princípios extremamente práticos de arquitetura e desenho urbano (designados por padrões) que podemos enquadrar na temática da cidade sustentável e inclusiva e que se aplicam numa forma muito concreta a esta investigação / estratégia de intervenção.

Cada padrão descreve um problema que ocorre sistematicamente no nosso ambiente construído numa forma mais ou menos universal e a várias escalas. De seguida o autor descreve a solução para esse problema em forma de arquétipo. A ideia de padrão é a de configuração, ou seja, o que se preserva são as relações entre as partes, podendo a forma mudar. Assim um padrão nunca se repete de forma totalmente igual.

Um padrão, tal como definido por Alexander, não é uma entidade isolada. Cada padrão existe em função da existência e relação com outros padrões de escalas maiores, iguais ou mais pequenas: “Esta é uma visão fundamental do mundo que nos diz que, quando se constrói qualquer coisa, isso não deve ser feito isoladamente, mas sim reparando o mundo à volta e dentro dessa coisa, de tal forma que esse lugar fica mais coerente...” (Alexander, 1977, xiii)

O presente trabalho procura assim fazer a aplicação de alguns desses padrões e princípios ao território da Várzea de Loures e mais concretamente à área de intervenção em São João da Talha. Nesse contexto, será analisada a obra de Christopher Alexander e retirados os padrões que fazem sentido aplicar aquele território.

1.1 Interligações Cidade - Campo

City Country Fingers

O equilíbrio das terras urbanas e do campo aberto dentro das cidades pode ser planeado, controlando o equilíbrio das cidades e do campo. As pessoas que vivem nas cidades precisam de contato com as terras rurais para manter suas raízes com a terra. Uma cidade ideal contém uma alta densidade de interações entre as pessoas e diferentes modos de vida. Deve ser contínua, não dividida. A natureza no nosso dia-a-dia, deve ser considerada como parte da necessidade biológica. (Alexander, 1977, p. 21-25)

À medida que as cidades crescem, a terra rural distancia-se. Se quisermos restabelecer e manter a devida ligação entre a cidade e o campo, será necessário estender a área urbanizada em longos “dedos” sinuosos que se estendem até aos terrenos agrícolas. A largura máxima dos dedos da cidade é determinada pela distância máxima aceitável do centro da cidade ao campo, (FIGURA 1). Os dedos urbanos nunca devem ter mais de 1,600 metros de largura, enquanto os dedos das terras agrícolas devem ter menos de 1,500 metros de largura. Todo morador da cidade teria acesso ao campo, o campo

aberto estaria a meia hora de bicicleta do centro da cidade. Portanto as terras agrícolas e urbanas devem manter-se entrelaçadas, mesmo no centro da metrópole. (Alexander, 1977, p.21-25)

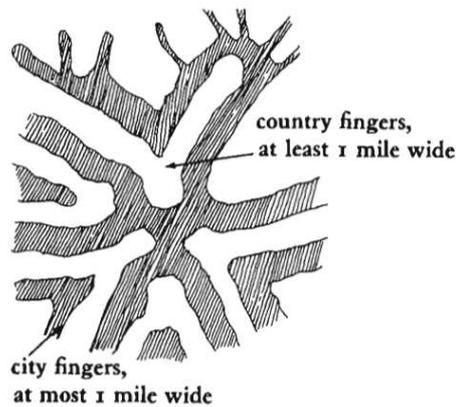


Figura 1 - Esquema do padrão City Country Fingers, (Alexander, 1977).

1.2 Espaço Positivo: O Padrão de Amarelo, Verde, Cinzento e Vermelho

Qualquer bairro, observado do ponto de vista da sua estrutura global, pode ser considerado como sendo feito de quatro elementos interligados: espaço pedonal (amarelo), espaços verdes, edifícios (cinzentos) e rede viária (vermelho). Estes quatro tipos de elementos, representam o sistema urbano como um todo. Eles são básicos, e qualquer bairro obtém as suas particularidades principais, a partir da forma como estes quatro elementos estão interligados, entrelaçados, reparados. (Alexander, 1972, p. 287)

É a geometria e o padrão, a interconexão espacial destes quatro elementos, que define o tipo de bairro. A suas características humanas, o seu modo de funcionamento, a sua integralidade. Se queremos entender a estrutura de um bairro, e queremos entender a sua totalidade, é o padrão espacial destes quatro elementos que temos de compreender.

O QUE DEVE SER O PADRÃO DE AMARELO, VERDE, CINZA E VERMELHO

Para fazer uma estrutura urbana viva, há certas observações gerais, que podemos fazer, sobre a forma como estas cores estar juntas. Cada bairro terá, espontaneamente, um padrão diferente das quatro cores, de acordo com a densidade, cultura, clima e localização. Mas o aspeto mais importante do padrão de quatro cores reside nas suas percentagens relativas, nas quantidades relativas ou nas áreas de cada cor, o que não acontece nas áreas de expansão das cidades de hoje, em que a relação entre as quatro percentagens não é equilibrada, (Alexander, 1972, p.289).

Normalmente, o vermelho tem uma percentagem muito grande, o amarelo muito pequena, o verde é muito desorganizado e descontínuo, e o cinza tem estruturas, que por vezes são demasiado grandes (FIGURA 3).

Num plano ideal, ver-se-ia um núcleo muito maior de estrutura amarela, formando um ramo e estrutura contínuo de espaço pedonal, grande no centro, com grandes caminhos largos, que vão em direção aos maiores espaços e com uma rede de caminhos amarelos menores, formando os ramos e galhos (FIGURA 3). Isso seria uma estrutura contínua de espaço pedonal, que dá às pessoas um lugar seguro e pelo seu movimento diário, um sentido de identidade e continuidade com o bairro.

Em seguida, a estrutura cinzenta, refletindo as casas e negócios, propriedades individuais, seria composta por edifícios menores, em seus próprios lotes separados e se a densidade aumentasse, estes lotes também seriam, pequenos. (Alexander, 1972, p.289)

O vermelho seria sob a forma de faixas irregulares e estreitas, que ligam pequenas reuniões de lugares de estacionamento. Acima de tudo, este padrão vermelho seria menos direto, do que o amarelo, que reflete a forma fácil como os peões se movem e refletiria, um padrão indireto de movimento pelo bairro, onde os carros, não dominando, poderiam, no entanto, aproximar-se facilmente dos seus lugares de estacionamento individuais.

A estrutura verde, também, seria muito diferente. Em vez de círculos de estreitas faixas verdes, que ocorrem em cada lote em torno dos edifícios, veríamos cada pedaço de verde, como um espaço positivo e construtivo, uma forma útil, um jardim ou quintal exterior, com a sua própria qualidade de espaço positivo. Assim, o verde seria composto por retângulos coerentes, e quase nenhum espaço verde, estaria em qualquer outra forma. (Alexander, 1972, p.291)



Figura 2 - Planta do esquema de vermelhos, amarelos e verdes, escala quarteirão, (Alexander, 1972).

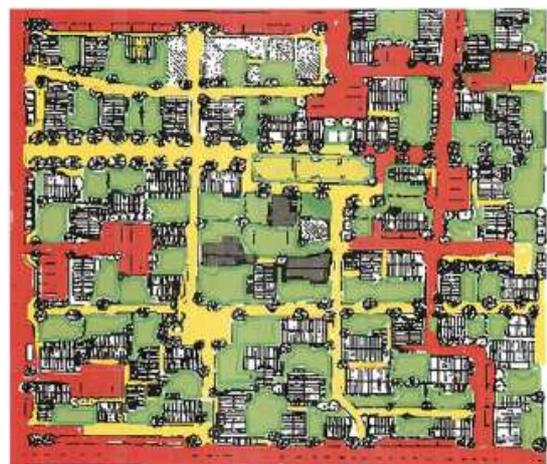


Figura 3 - Planta do esquema de vermelhos, amarelos e verdes, escala bairros, (Alexander, 1972).

1.3 Espaços verdes e lugares para sentar

Garden Seat

Em cada jardim, deve haver pelo menos um banco de jardim em algum lugar tranquilo, onde uma pessoa ou duas, podem estar em contacto com a natureza.

Muitos de nós aprendemos que sem jardins, a vida numa cidade é impossível. Há tanta atividade, os dias são tão facilmente preenchidos com empregos, família, amigos, que o tempo sozinho é raro, e quanto mais vivemos sem o hábito de sossego, mais nos amarramos a esta vida ativa, e quando as pessoas perdem esta atividade e ocupação, experimentam o sentimento da solidão. É neste contexto que propomos o assento isolado do jardim: um lugar escondido no jardim onde uma ou duas pessoas podem sentar-se sozinhas.

Faça um lugar tranquilo no jardim — um recinto privado com um assento confortável, vegetação e sol. Escolha o lugar para o assento com cuidado, coloque o assento do jardim, como outros assentos ao ar livre, onde ele comanda uma vista, está ao sol, protegido do vento; talvez sob arbustos e árvores onde a luz é filtrada. Escolha o lugar que lhe dará o tipo mais intenso de solidão. (Alexander, 1977, p.817)

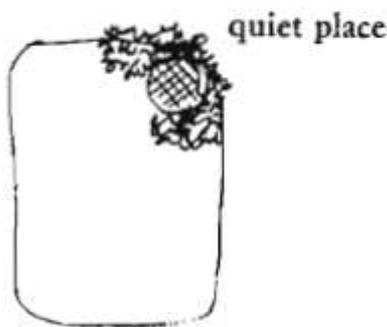


Figura 4 – Esquema do padrão Garden Seat - (Alexander, 1977)

1.4 Lugares de Contemplação

Hight Places

O instinto de subir a um lugar alto, do qual pode olhar para baixo e pesquisar o seu mundo, parece ser um instinto humano fundamental.

Os lugares altos têm duas funções separadas e complementares. Dão às pessoas um lugar para subirem, do qual podem olhar para o seu mundo e dão um lugar que podem ver de longe e orientam-se para quando estão no chão. (Alexander, 1977, p.316)

São igualmente importantes, como lugares à frente para olhar para baixo: lugares que dão uma vista espetacular e abrangente da cidade. Os visitantes podem usá-los para ter uma noção de toda a área que eles vieram; e as pessoas que lá vivem podem fazê-lo, para reavaliar a forma e o alcance do seu meio envolvente.

Para poder aproveitar ao máximo estas visitas, as pessoas não devem utilizar o carro ou elevador, até ao topo. Para ter uma noção completa da magnificência da vista, parece necessário trabalhar para isso, sair do carro ou elevador, e subir. O ato de escalar, mesmo que apenas alguns passos, limpa a mente e prepara o corpo. (Alexander, 1977, p.316-317)

Quanto à distribuição, sugerimos sobre um desses lugares altos para cada comunidade que seja o suficiente destacável para ser visto em toda a comunidade. Se lugares altos são menos frequentes, tendem a ser muito especiais, e têm poder sábio como marcos.

A construção de lugares altos ocasionais como marcos em toda a cidade, que pode ser uma parte natural da topografia, torres, ou parte dos telhados do edifício local mais alto, deve em qualquer caso, incluir uma subida física. (Alexander, 1977, p.317)

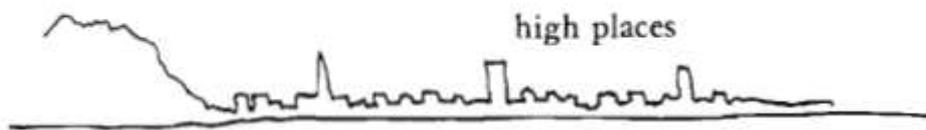


Figura 5 – Esquema do padrão High Places, (Alexander, 1977)

1.5 Lugares Sagrados

Holy Ground

A forma física ou organização de apoio aos ritos de passagem, de forma a criar santidade e o sentido de conexão com a terra, o que torna os ritos importantes, varia em detalhe, da cultura à cultura. Seja exatamente o que é considerado sagrado - seja a natureza, Deus, um lugar especial, um espírito, relíquias sagradas, a própria terra, ou uma ideia - toma formas diferentes, em diferentes cultos, e requer diferentes ambientes. (Alexander, 1977, p.332)

Acreditamos que há uma característica fundamental que não varia de cultura para cultura, dado que em todas as culturas se vê que o que for sagrado, só será sentido como um santo, se for difícil de alcançar, se requer camadas de acesso, espera, níveis de aproximação, uma revelação gradual, passando por uma série de portões. Há muitos exemplos: a Cidade Interior de Pequim; o facto de que qualquer pessoa que tenha uma audiência com o Papa deve esperar em cada uma das salas de espera de Sete;

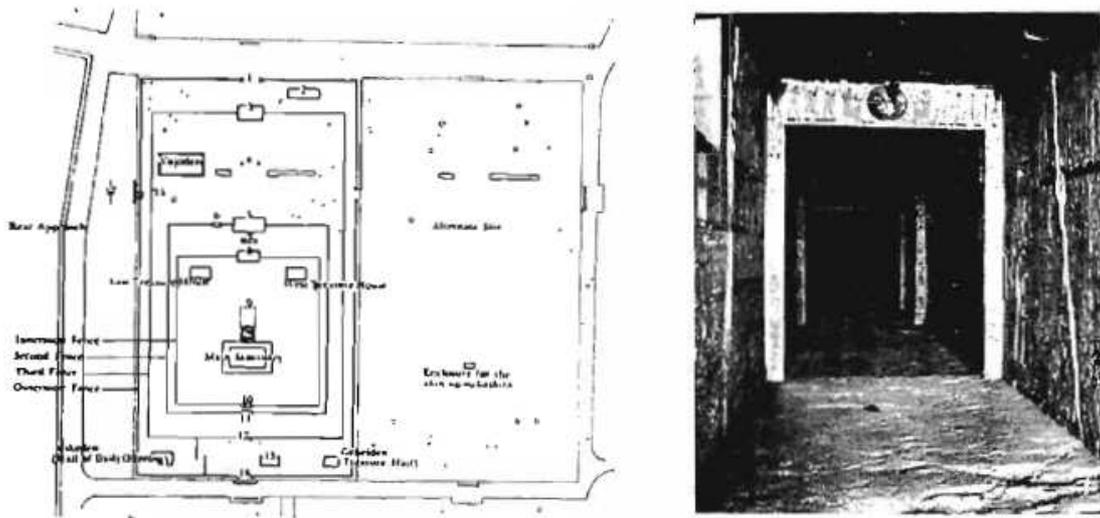


Figura 6 – Esquema de layers de acesso, (Alexander, 1977)

A camada, ou nidificação de recintos, parece corresponder a um aspeto fundamental da psicologia humana. Acreditamos que todas as comunidades, independentemente da sua fé particular, independentemente de terem fé em qualquer sentido organizado, precisam de um lugar onde este sentimento de acesso lento e progressivo, através de portões para um centro sagrado, possa ser experimentado. Quando tal lugar existe numa comunidade, mesmo que não esteja associado a nenhuma religião em particular, acreditamos que o sentimento de santidade, de alguma forma ou de outra, irá gradualmente ganhar vida lá entre as pessoas que partilham a experiência. (Alexander, 1977, p.333-334)

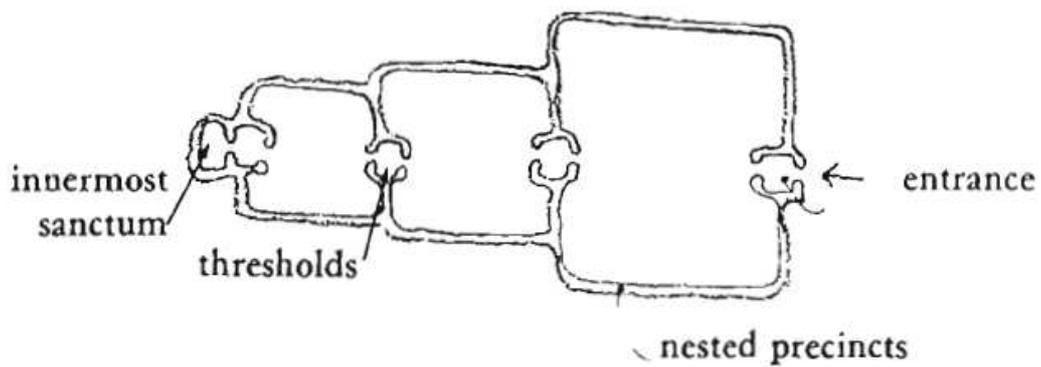


Figura 7 – Esquema do padrão Holy Ground, (Alexander, 1977)

1.6 Percursos e Metas

Path and Goals

O esquema de caminhos só é confortável, quando é compatível com o processo de andar. E o processo de andar é muito mais subtil do que possa supor. (Alexander, 1977, p.586)

Essencialmente existem três processos complementares:

1. Ao caminhar, memorizamos a paisagem para destinos intermédios para os pontos mais distantes, ao longo do caminho que se pode ver. Tenta-se, mais ou menos, caminhar em linha reta em direção a estes pontos. Isto naturalmente tem o efeito de cortar cantos e ir por caminhos "diagonais", uma vez que estes são os que muitas vezes formam linhas retas entre a sua posição atual e o ponto que se está a fazer. (Alexander, 1977, p.586)

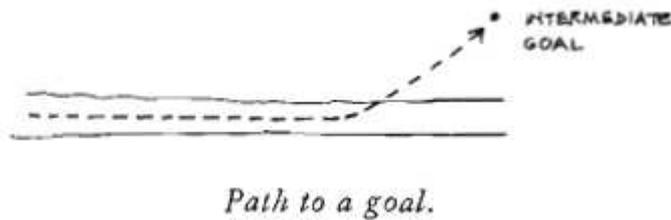


Figura 8 – Esquema, intermediate goal do padrão Path and Goals, (Alexander, 1977)

2. Estes destinos intermédios continuam a mudar. Quanto mais se anda, mais se vê ao virar da esquina. Se fores sempre em direção a este ponto mais distante e o ponto mais distante continuar a mudar, vais realmente mover-te numa curva lenta, como um míssil a seguir um alvo em movimento. (Alexander, 1977, p.587)

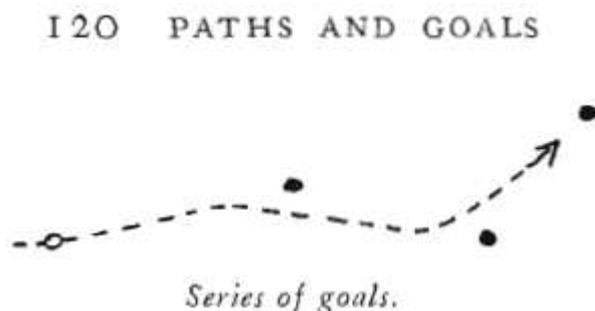


Figura 9 – Esquema, series of goals do padrão Path and Goals, (Alexander, 1977)

3. Uma vez que não se queira continuar a mudar de direção enquanto se caminha e não se quer gastar o tempo, recalculando a sua melhor direção de viagem, organiza-se o processo de caminhada de forma a escolher um "objetivo" temporário — algum marco claramente visível — que é mais ou menos na direção que se quer tomar e, em seguida, caminha-se em linha reta em direção a ele por 100 metros. Então, à medida que se aproxima, escolhe-se outro novo

objetivo, mais uma vez uma centena de metros mais à frente, e caminha-se nessa direção (Alexander, 1977, p.587)

4.

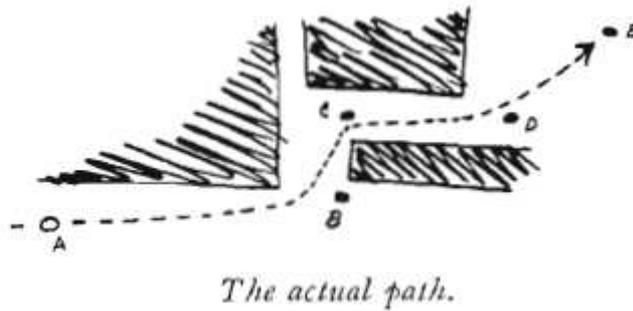


Figura 10 - Esquema The actual Path do padrão Path and Goals, (Alexander, 1977)

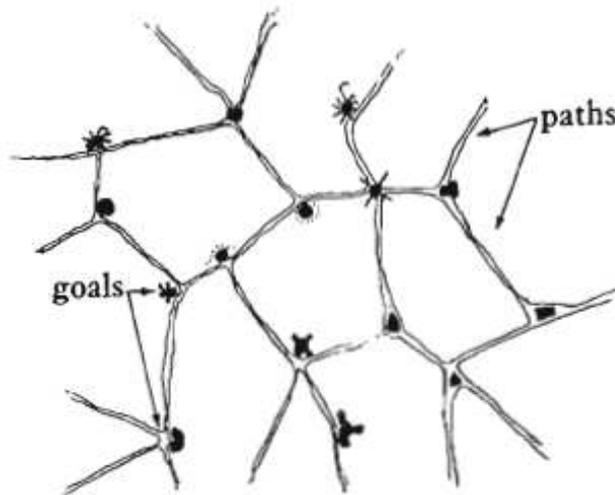


Figura 11 - Esquema goals and paths do padrão Path and Goals, (Alexander, 1977)

1.7 Lugares Sagrados

Sacred Sites

Lugares, como belezas naturais ou marcos históricos, deixados por séculos passados, existindo em todas as partes do mundo, são lugares especiais e essenciais, que simbolizam a área e as raízes das pessoas que a eles pertencem.

É essencial que estes lugares específicos sejam preservados e tornados importantes. A destruição de lugares que se tornaram parte do entendimento comum, num sentido acordado e generalizado, empobrece a região a que pertence, agitando também com os sentimentos daqueles que lhe pertencem. (Alexander, 1977, p.132)

Em qualquer área geográfica, uma vez escolhidos e preservados estes locais, devem ser embelezados de modo a reforçar a sua importância pública. As sociedades tradicionais sempre

reconheceram a sua importância. Pelo contrário, a sociedade moderna ignora frequentemente a importância psicológica destes locais e por razões políticas e económicas são demolidas, desenvolvidas ou alteradas.

Um edifício ou uma árvore, uma rocha, ou uma pedra, assume o poder através do qual as pessoas podem ligar-se ao seu próprio passado. Montanhas, rios e pontes tornam-se sagrados e são marcados como locais especiais de peregrinação. (Alexander, 1977, p.132-133)

Acreditamos que a melhor forma de reforçar um lugar é através de uma progressão de áreas, que as pessoas passam, à medida que se aproximam do local. Este é o princípio dos "recintos aninhados".



Figura 12 - Esquema acts of preservation do padrão Sacred Sites, (Alexander, 1977)

Portanto, uma série de espaços que se intensificam e convergem gradualmente no local, devem ser construídos em torno de um local sagrado (FIGURA 13). O lugar em si é uma espécie de santuário interior, no núcleo. E se o lugar é muito grande - uma montanha - a mesma abordagem pode ser tomada com lugares especiais de onde você pode ver - um santuário interior, alcançado, passando por muitos níveis, que não é a montanha, mas um jardim, do qual a montanha pode ser vista em beleza especial.

Cada local sagrado deve ser um lugar, ou uma sequência de lugares, onde as pessoas possam permanecer, Mas acima de tudo, a aproximação ao local deve ser feito pé, e através de uma série de passagens que o revelam gradualmente.

Quer os locais sagrados sejam grandes ou pequenos, sejam eles no centro das cidades, nos bairros, ou no campo mais profundo, devem ser criadas leis que os protejam completamente. (Alexander, 1977, p. 133)

1.8 Recuperação do Lugar

Site Repair

Os edifícios devem ser sempre construídos sobre as partes do terreno que estão em pior estado, não no melhor. Esta ideia é, de facto, muito simples. Mas é exatamente o oposto do que normalmente acontece; e é preciso uma enorme força de vontade para segui-la.

Quando alguém pensa em construir num pedaço de terra procura o melhor local - onde a relva é mais bonita, as árvores mais saudáveis, a inclinação da terra mais uniforme, a vista mais bonita, o solo mais fértil. Quando a construção começa nas partes do terreno que já são saudáveis, inúmeras belezas são exterminadas a cada ato de construção (Alexander, 1977, p.509-510).

Se queremos que a terra seja saudável por todo o lado, então temos de fazer o contrário. Temos de tratar cada novo ato de construção como uma oportunidade para remendar algumas zonas; cada ato de construção dá-nos a oportunidade de tornar uma das partes mais feias e menos saudáveis do ambiente, mais saudável - quanto às partes que já são saudáveis e bonitas - é claro que não precisam de atenção. E, na verdade, devemos-nos disciplinar, mais rigorosamente para deixá-los em paz, para que a nossa energia vá para os lugares que precisam dela. Este é o princípio da reparação do local. (Alexander, 1977, p.510)

O desenvolvimento atual quase nunca sai bem com este padrão: todos têm uma história sobre como um novo edifício ou estrada destruiu um lugar que lhes é caro.

A ideia de reparar o local é apenas um começo. Lida com o problema de como minimizar os danos. Mas os mais talentosos construtores tradicionais sempre foram capazes de usar a forma construída, não só para evitar danos, mas também para melhorar a paisagem natural. Esta atitude é tão profundamente diferente da nossa visão atual da construção (Alexander, 1977, p.511).

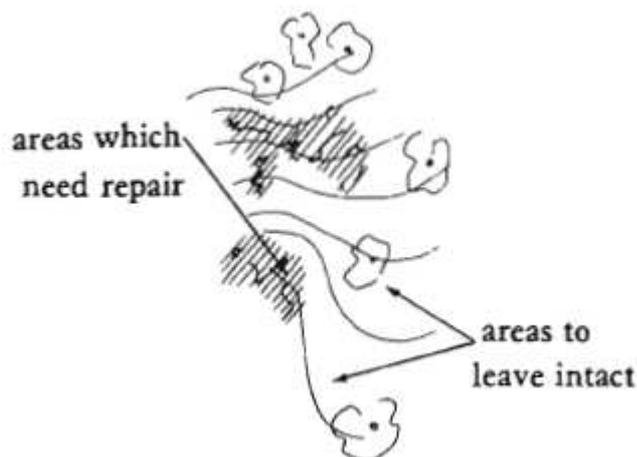


Figura 13 – Esquema do padrão Site Repair, (Alexander, 1977)

1.9 Limites

Sitting Wall

As áreas externas são em grande parte compostas por espaços positivos, existindo limites marcados entre jardins e ruas, entre terraços e jardins, entre salas ao ar livre e terraços, entre áreas de lazer e jardins. Com este padrão, podemos ajudar esses limites naturais a assumir o seu caráter adequado, construindo muros, apenas baixos o suficiente para sentar, e altos o suficiente para marcar os limites (FIGURA 15) (Alexander, 1977, p.1125).

Considerando-se, por exemplo, um jardim numa rua tranquila. Pelo menos em algum lugar ao longo da borda entre os dois, há necessidade de aplicar este padrão, construir muros, apenas baixos o suficiente para se sentarem, e altos o suficiente para marcar os limites de um lugar que une os dois, mas sem quebrar o fato de que são lugares separados. Se há um muro alto ou uma cerca, as pessoas no jardim não têm como estar conectadas à rua e as pessoas na rua não têm como estar conectadas ao jardim. Mas também, se não há nenhuma barreira, a divisão entre os dois é difícil de manter. Um muro baixo, na altura certa para sentar, é perfeito. Cria uma barreira que separa, mas convida as pessoas a sentarem-se sobre ela. (Alexander, 1977, p- 1125-1126)

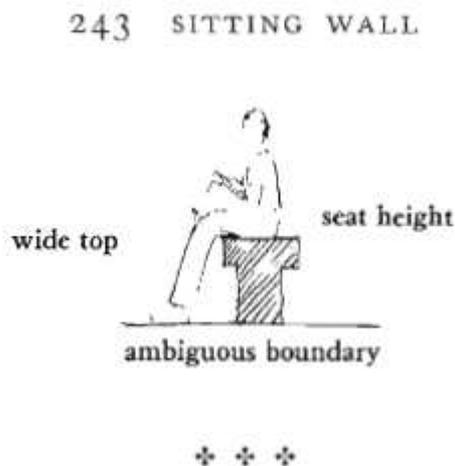


Figura 14 – Esquema do padrão *Sitting Wall*, (Alexander, 1977)

1.10 Árvores e Lugares

Tree Places

As árvores são preciosas. Ao planejarmos um lugar, devemos ter o cuidado de as deixar intactas, mesmos que se tenha em mente, ter também outras árvores adicionais.

Árvores numa cidade, em volta de um prédio, num parque, ou num jardim, não estão na floresta, precisam de ser cuidadas. Assim que decidirmos ter árvores numa cidade, devemos reconhecer que a árvore se torna um tipo diferente de ser ecológico. Por exemplo, numa floresta, as

árvores crescem em posições favoráveis a elas: sua densidade, luz solar, vento, humidade são todas escolhidas pelo processo de seleção. Mas numa cidade, uma árvore cresce onde é plantada, e não sobreviverá, a menos, que seja muito bem cuidada — podada, vigiada, cuidada quando a sua casca é perfurada...

Caso seja necessário plantar árvores estas devem ser plantadas de acordo com a sua natureza, para formar recintos, avenidas, praças, bosques, e árvores únicas, espalhando-as em direção ao meio de espaços abertos, e moldar os edifícios próximos em resposta às árvores, para que as próprias árvores, e as árvores e edifícios juntos, formem lugares que as pessoas possam usar, (FIGURA 16) (Alexander, 1977, p.799-800)

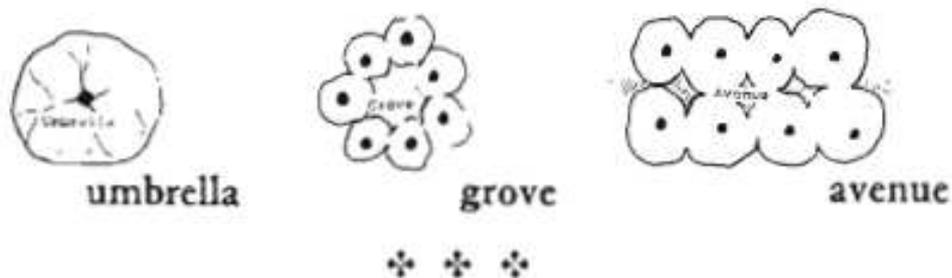


Figura 15 - Esquema do padrão Tree Places, (Alexander, 1977)

1.11 Vistas e Pontos de Observação

Zen View



Figura 16 - Esquema do padrão Zen View, (Alexander, 1977)

Quando existe uma bonita vista e para que a mesma seja aproveitada, não devem ser construídas janelas enormes que a observem incessantemente. Pelo contrário, devem colocar-se as janelas que olham para a vista em lugares de transição, ao longo de caminhos, em corredores, em entradas, em escadas, entre quartos.

Se a janela da vista estiver corretamente colocada, as pessoas verão um vislumbre da vista distante, à medida que vêm até à janela ou passam: mas a vista nunca é visível dos lugares onde as pessoas permanecem. A vista quanto mais for contida, mais permanece viva para sempre. Quem, quer que seja que a veja, nunca vai esquecê-la! O seu poder nunca desaparecerá. Mesmo para o homem que lá vive, passando por aquela vista dia após dia durante 50 anos, ainda estará viva. Esta é a essência do problema com qualquer visão. É uma coisa bonita. As pessoas querem admirá-la todos os dias. Mas quanto mais aberta e óbvia for, mais depressa desaparecerá. Gradualmente, tornar-se-á parte do edifício e a intensidade da sua beleza deixará de ser valorizada pelas pessoas que lá vivem. (Alexander, 1977, p.643)

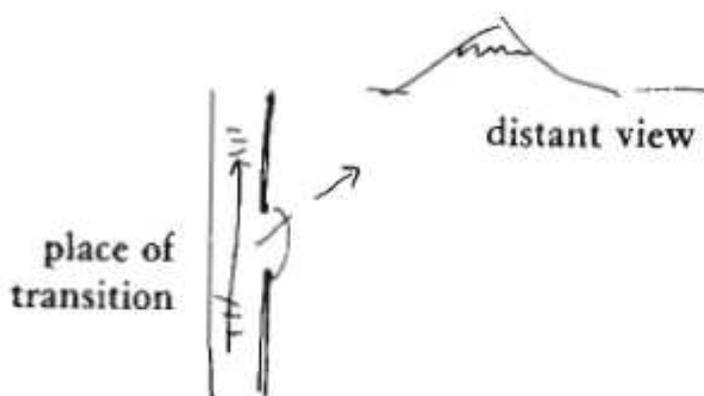


Figura 17 – Esquema do padrão Zen View, (Alexander, 1977)

Estrutura visual da paisagem (ISOVISTAS)

A estrutura visual da paisagem nesta dissertação significa a aparência de determinada cena a partir da escolha de um ponto de observação (Higuchi, 1988). Estamos interessados mais na relação entre visibilidade e invisibilidade e por isso definimos também de seguida o conceito de isovista, conforme nos descreve M. Benedikt.

“Uma isovista é o conjunto de todos os pontos visíveis de um determinado ponto de vista no espaço e em relação a um ambiente. Campos isovistas e isovistas lançam luz sobre o significado das noções predominantes da arquitetura sobre o espaço. Compreender o espaço, saber vê-lo, é a chave para compreender a construção” (Benedikt, 1979, p.50) (Figura 18 e 19)

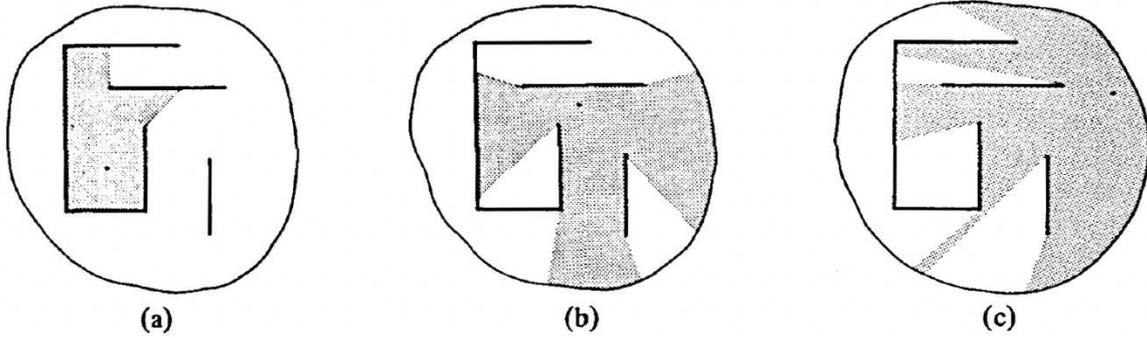


Figura 18 -Esquema de três Isovistas, (Benedikt, 1979)

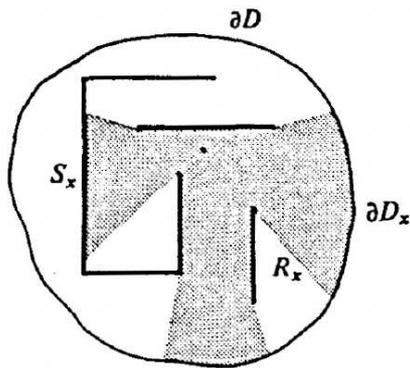


Figure 4. The boundary, ∂V_x , of an isovist V_x , decomposed into S_x , R_x , and ∂D_x .

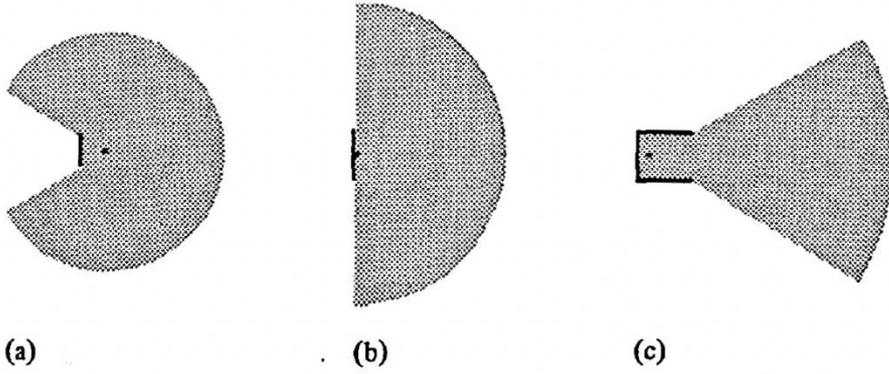
Figura 19 – Esquema de uma Isovista, (Benedikt, 1979)

A maioria das pesquisas sobre percepção foi realizada no contexto da percepção do objeto, em vez da percepção do ambiente. Edifícios, árvores, etc. são vistos como objetos por causa de sua aparente autocontenção e mobilidade.

Na percepção ambiental, considera-se o espaço como algo substancial e não vazio, e define-se pelas próprias superfícies visíveis não necessariamente percebidas como pertencentes a objetos discretos, e como tendo qualidades topológicas e formais normalmente apreciadas pelo movimento livre contínuo através do espaço. (Benedikt, 1979, p.50-51)

J. J. Gibson explica o ambiente visual como um layout de superfícies que dá estrutura à luz. A percepção de um observador é, portanto, circunscrita pelo ambiente apresentado no lugar de observação (1966, 221).

As isovistas podem ser uma ferramenta para estudar a natureza espacial dos ambientes. Vários fatores perceptivos e cognitivos estão ligados às características das isovistas. Essas características, (tamanho, compacidade, oclusividade, etc.) podem ser quantificadas e isso pode potencialmente explicar e prever uma série de comportamentos espaciais dependentes de campo. (Benedikt, 1979, p.51)



(a) (b) (c)
Figure 15. The skewness of isovists, some examples (A_x constant): (a) $M_{3,x} < 0$; (b) $M_{3,x} = 0$; (c) $M_{3,x} > 0$.

Figura 20 – Esquema de três Isovistas, (Benedikt, 1979)

2. Várzea de Loures

1.1 Enquadramento territorial

Aqui será explicado o enquadramento com os corredores verdes de Lisboa, das ciclovias existentes em Lisboa, a bacia hidrográfica do rio Trancão, a nova ligação junto à ponte de Sacavém, os terrenos para a vinda do Papa, e a importância do percurso de Fátima.

São João da Talha é um aglomerado urbano que se encontra à volta da bacia hidrográfica do rio Trancão. Estando relativamente perto de Lisboa, pode facilmente fazer parte do um grande corredor verde, vindo do centro de Lisboa, passando pelo Parque das Nações e terminando em Loures.

A importância de corredores verdes numa cidade, permite salvaguardar a biodiversidade, ajudando na impermeabilização do solo e na poluição atmosférica. Tem também uma função ecológica, social e cultural, promovendo atividades recreativas, de lazer ao ar livre, estimulando as pessoas a utilizarem a mobilidade suave (andar a pé e de bicicleta).

O plano para Lisboa é de chegar a 200 quilómetros de ciclovias, e para isso é necessário melhorar as infraestruturas, ligando a rede num todo (Figura 21), resultando assim na melhoria da mobilidade suave. Atualmente as ciclovias encontram-se nas principais avenidas centrais de Lisboa, mas muito segregadas e pouco coerente (Figura 22).



Figura 22 – Atual rede de Ciclovias em Lisboa
Fonte: <https://www.jornaldenegocios.pt/multimedia/fotogalerias/detalhe/como-vai-evoluir-a-rede-ciclavel-em-lisboa>

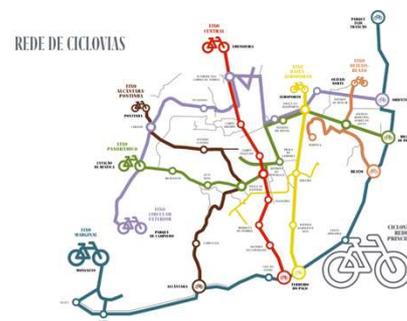


Figura 21 - Futura rede de ciclovias em Lisboa
Fonte: <https://lisboaparapessoas.pt/2021/04/23/ciclovias-lisboa-estrategia/>

A bicicleta pode ser muito competitiva na cidade, permitindo chegar ao destino num curto espaço de tempo, contribuindo para a economia, ajudando no comércio, na saúde e bem-estar de quem a utiliza, melhorando o congestionamento e fluidez no trânsito. A existência de vias cicláveis, contribui para uma melhoria paisagística, fazendo parte de corredores verdes, gerando percursos com passeios amplos e confortáveis e com pontos de estadia de bicicletas.

Com a criação da ponte em Sacavém, e com a reestruturação do Complexo Logístico da Bobadela, é feita a ligação do concelho de Lisboa a Loures, através da ciclovias ribeirinha vinda do Parque das Nações, com cerca de 20km, até a ciclovias ribeirinha de Santa Iria da Azoia.

Atualmente a bacia hidrográfica do rio Trancão tem como uso predominante a agricultura, sendo a área envolvente, altamente urbanizada. É um território muito instável a nível de catástrofes naturais, devido à ocorrência de inundações.

Também na entrada da bacia hidrográfica do rio Trancão, temos o caminho de Fátima, um percurso de grande importância religiosa, que é usado pelos peregrinos e por grupos de pessoas que praticam vários tipos desportos. É atualmente um percurso esquecido, sem qualquer tipo de sombra, espaços de descanso e qualidade no piso. Com a vinda do Papa Francisco para a Jornada da Juventude a se realizar em 2023, foi criada a ponde de Sacavém e com a reestruturação do Complexo Logístico da Bobadela, surge uma ótima oportunidade para a melhoria e integração do Caminho de Fátima.



Figura 23 - Mapa da Península de Lisboa, assinalando o Conselho de Loures e respetiva Várzea, imagem do grupo de trabalho. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

1.2 Atributos Físicos, Biológicos e Culturais

Como grupo, e com o objetivo de entender as qualidades de território na Várzea de Loures e suas costeiras, foram feitas várias decolações ao local, a fim de recolher toda a informação possível existente.

Atributos Físicos

A rede total hidrográfica do rio Trancão que passa pela Várzea de Loures, ocupa uma área maior do que a do concelho de Loures, albergando terras de uso agrícola. A sua topografia é bastante encarpada, fazendo com a bacia seja um elemento que divide todo o território. É nas suas costeiras que podemos encontrar maiores núcleos urbanos, o que leva a um perigo iminente de ocorrência de cheias.

A bacia é composta pelo rio Trancão, rio de Loures e ribeira de Odivelas. Existem também nascentes e poços, devido à cota da Várzea ser mais baixa do que a bacia hidrográfica para onde fluem as suas águas.

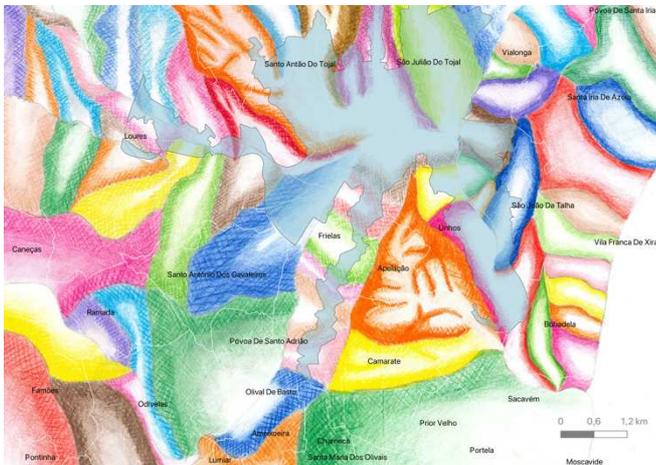


Figura 25 - Bacias no Concelho de Loures, imagem do autor.
Fonte: QGIS, informação do PDM de Loures e desenho manual.

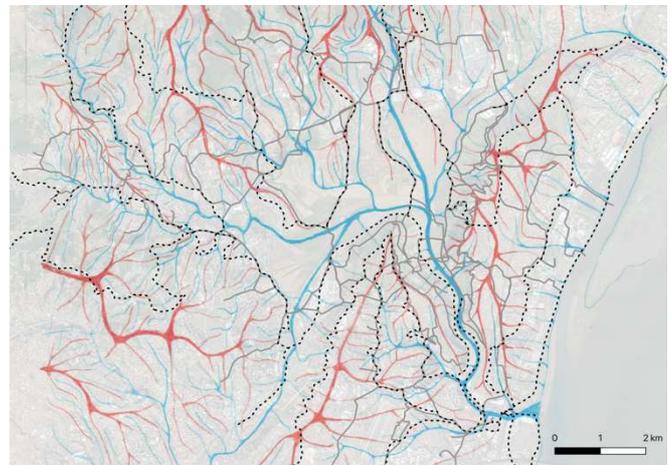


Figura 24 - Festos e talvegues no Concelho de Loures, imagem do autor.
Fonte: QGIS, informação do PDM de Loures e desenho manual.

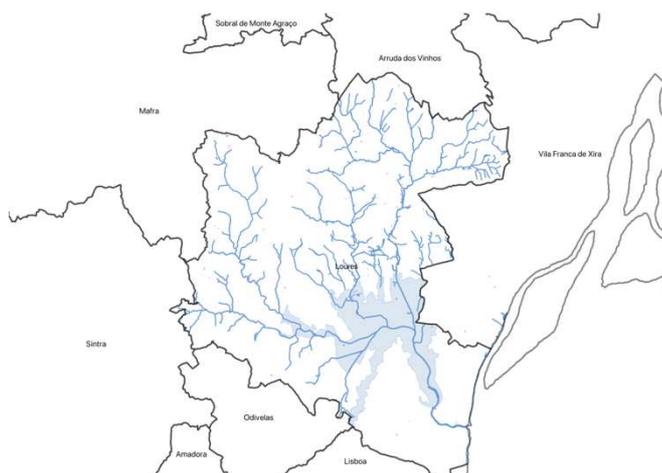


Figura 26 - A rede hidrográfica da bacia do Rio Trancão no concelho de Loures, imagem do grupo.
Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

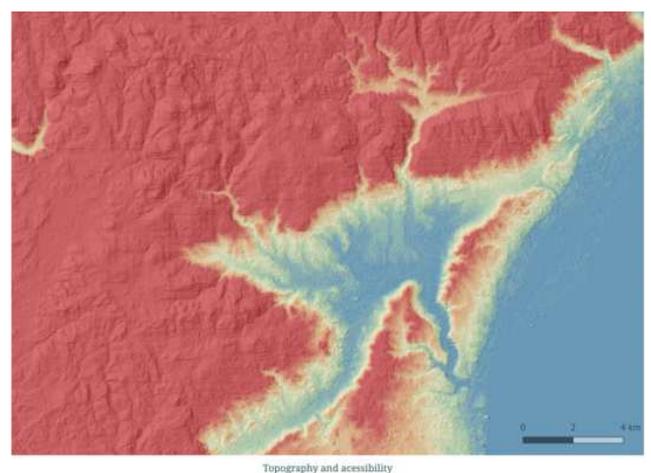


Figura 27 - Topografia da Várzea de Loure, imagem do autor.
Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.



Figura 28 - Mapa solar do Concelho de Loures, imagem do autor.
Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.



Figura 30 - Imagem da Várzea e Costeiras, imagem do grupo.
Fonte: Fotografia.



Figura 29 -Rio Trancão e suas costeiras, imagem do grupo.
Fonte: Fotografia.

Atributos Biológicos

Na Várzea existe uma diversidade a nível de flora, assim sendo é importante proteger e divulgar as espécies autóctones evitando a introdução de outras espécies.



Figura 31 -Vegetação natural, imagem do grupo.
Fonte: Fotografia.

Em relação a sua fauna, na zona da Várzea avistam-se várias espécies, sobretudo cobras, cabras, bovinos, gaivotas e escaravelhos.



Figura 32 - Espécies de animais do local, imagem do grupo.
Fonte: Fotografia.

Informação atual

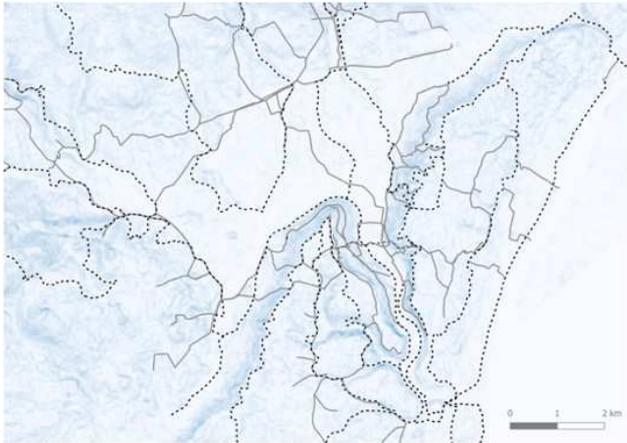


Figura 35 – Planta de rede de caminhos e relevo, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

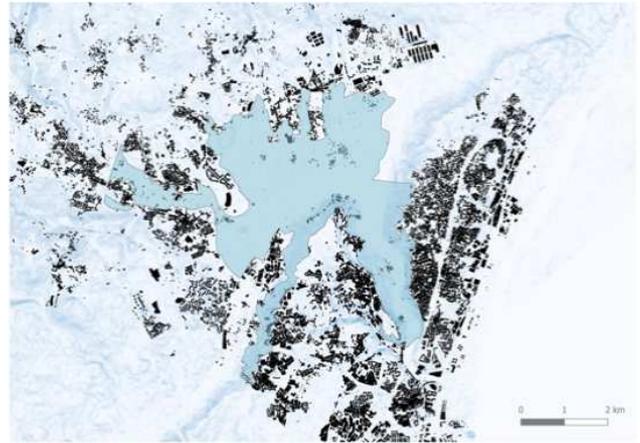


Figura 36 - Planta de relevo e mancha urbana, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

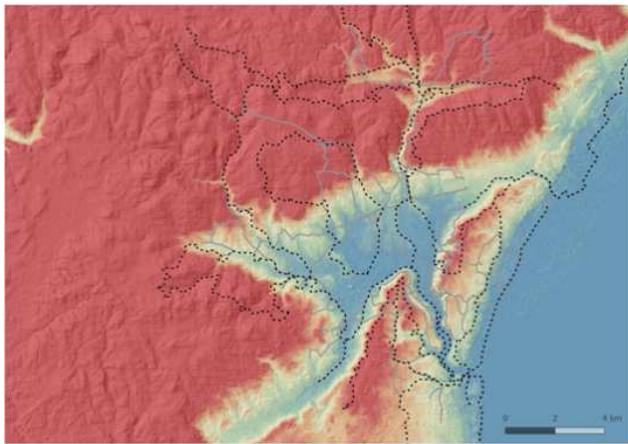


Figura 38 – Planta da topografia e rede de caminhos, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

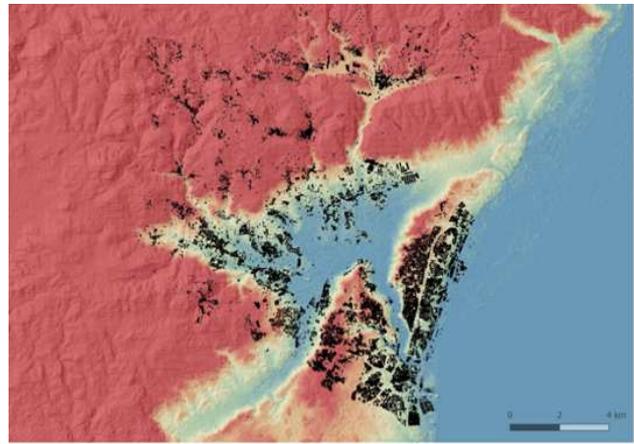


Figura 37 – Planta da topografia e mancha urbana, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

Uso do solo



Figura 40 - Plantação de tomate, imagem do grupo. Fonte: Fotografia.



Figura 39 - Paisagem Agrícola, imagem do grupo. Fonte: Fotografia.

Infraestruturas



Figura 41 - Caminho de Fátima e rio Trancão, imagem do grupo. Fonte: Fotografia.



Figura 42 - Mobiliário urbano no caminho de Fátima, imagem do grupo. Fonte: Fotografia.



Figura 44 - Sinalética do caminho de Fátima, imagem do grupo. Fonte: Fotografia.



Figura 43 - Caminho de Fátima, imagem do grupo. Fonte: Fotografia.

1.3 PVCL - Parque da Várzea e Costeiras de Loures

Estratégia Global



Figura 45 - Núcleos urbanos antigos, caminhos culturais + PP (PDM), imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

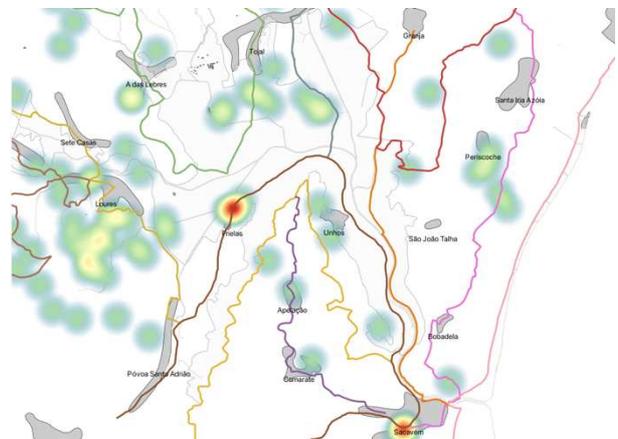


Figura 46 - Estações arqueológicas + caminhos culturais (PDM), imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

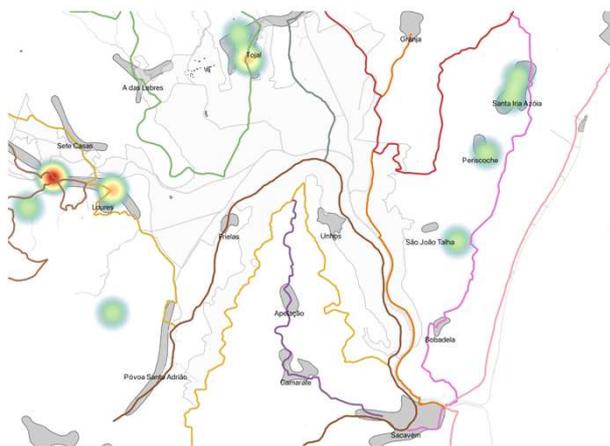


Figura 48 - Património classificado + caminhos culturais (PDM), imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

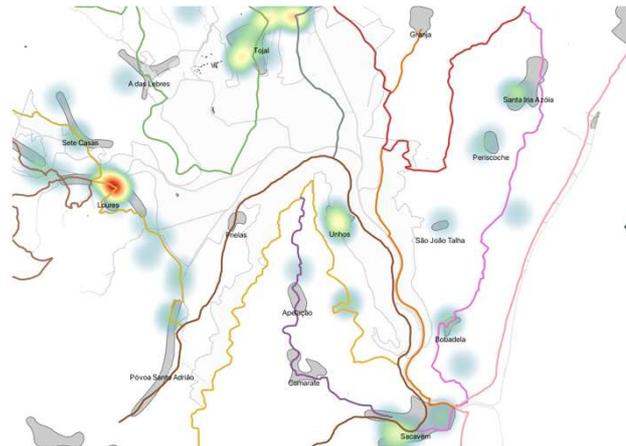


Figura 49 - Património de valores isolados + caminhos culturais (PDM), imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

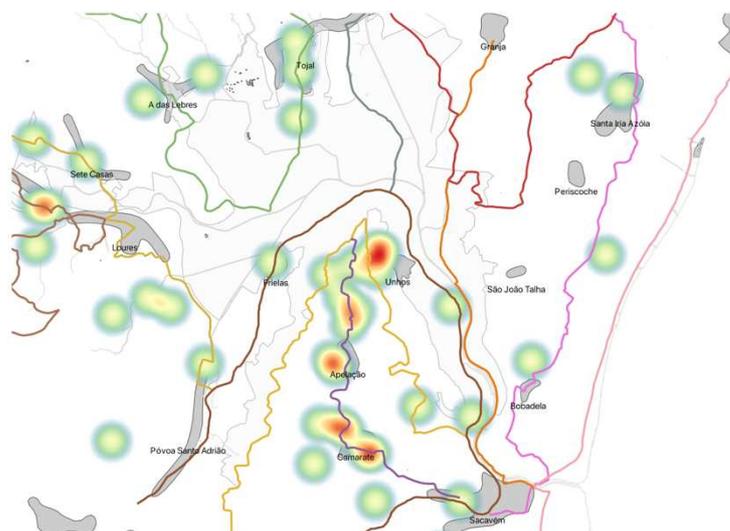


Figura 47 - Quintas + caminhos culturais (PDM), imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

Contexto natural e história

Podemos definir a Várzea-PVCL como sendo uma área central, pouco povoada, no coração do Concelho de Loures, com 1733 ha, e que ocupa 11% da área do referido Concelho.

Liga as cidades de Loures e Sacavém, mas também São Julião do Tojal, Santo Antão do Tojal, Santo António dos Cavaleiros, Frielas e Unhos.

O PVCL pode vir a servir os habitantes, tanto na sua envolvente como os da área metropolitana norte de Lisboa.

É uma planície aluvial, onde se encaminham várias linhas de água, que se juntam em dois rios importantes: rio de Loures e o rio Trancão. Uma outra linha de água, a Ribeira da Póvoa, que vem da região de Odivelas e Amadora, chega até aqui, para se juntar ao rio Trancão, e todos juntos desaguam no rio Tejo.

Está rodeada de elevações, – as costeiras, vertentes acentuadas a sul (em Camarate, Frielas e Unhos) e a nascente (em São João da Talha e Bobadela), responsáveis pelos minerais do solo e pelo tipo de clima. O PVCL é uma zona pouco povoada, residindo a seu redor 80% da população de todo o Concelho. (FIGURAS 50 e 51)

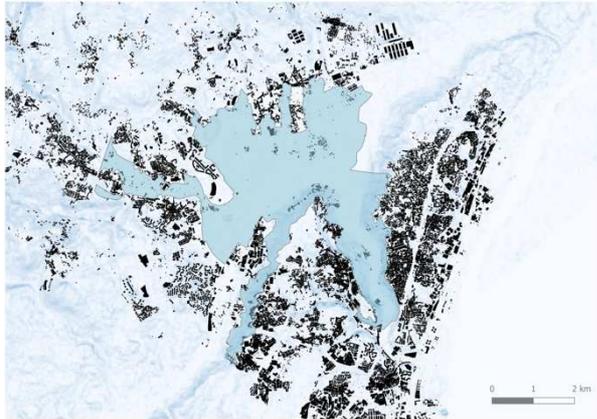


Figura 51 – Planta de relevo e mancha urbana, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

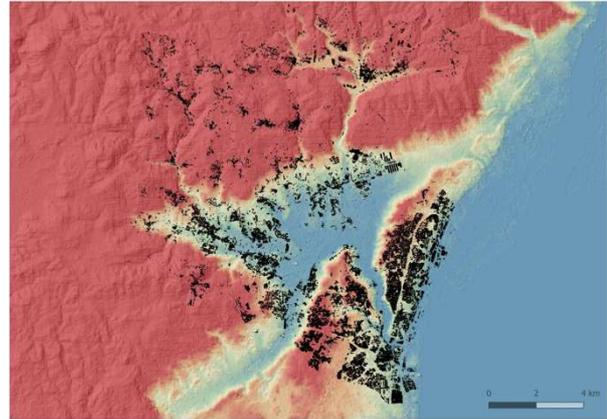


Figura 50 – Planta da topografia e mancha urbana, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

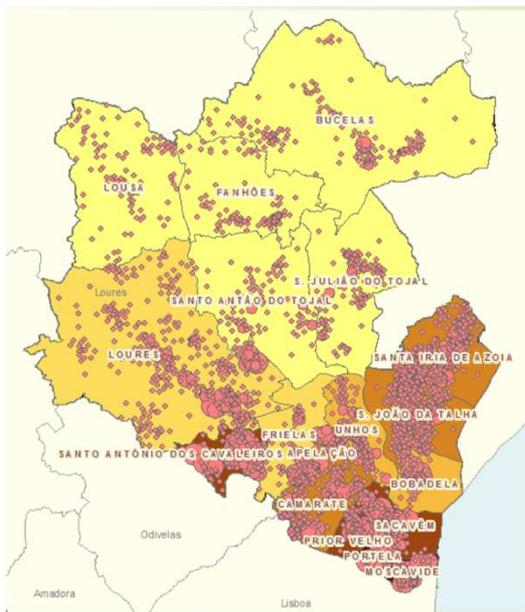


Figura 52 – Planta de Freguesia e população, imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

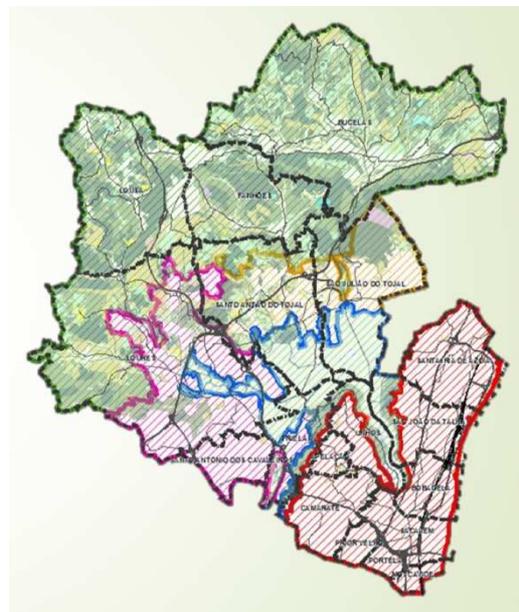


Figura 53 – Localização da várzea em relação aos conselhos ao seu redor, imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

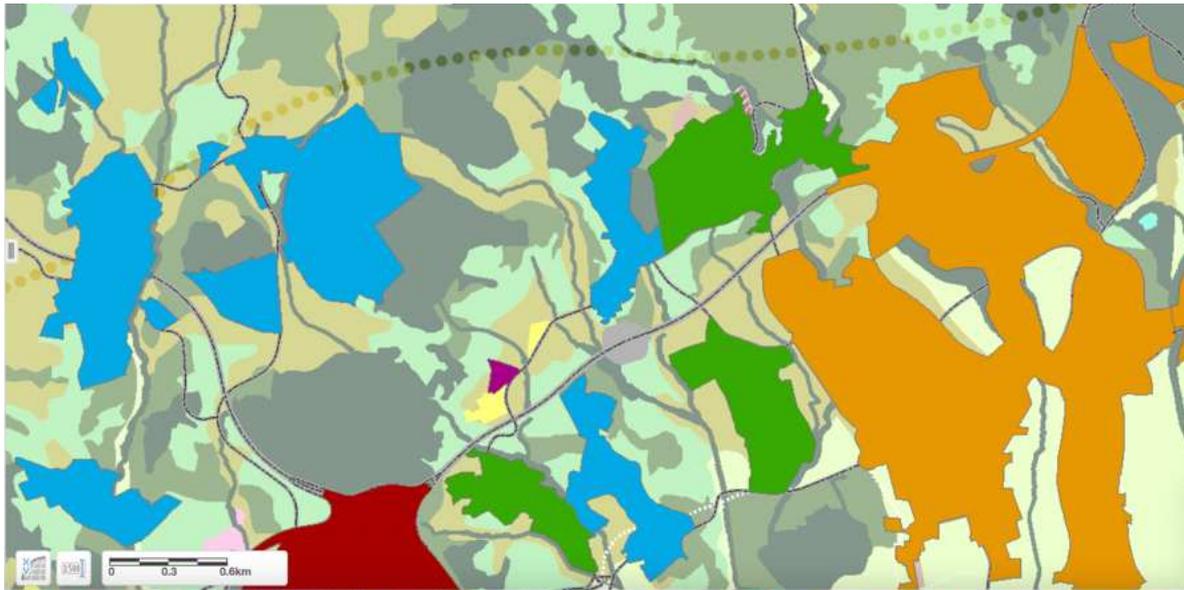


Figura 55 - Extrato da carta de Uso de Solo do PDM de Loures.

FONTE: <https://geoweb1.cmloures.pt/MuniSIG/Html5Viewer/index.html?viewer=MapaGeral.MapaGeral>

A Câmara Municipal tem vindo a desenvolver um projeto Naturba/colaboração com a UÉ - alicerces do PVCL, onde existe um reconhecimento de que o espaço rural contribui para a melhoria da qualidade de vida urbana, com uma abordagem mais de solidariedade entre os territórios e as comunicantes. Um parque muito rico na sua diversidade e com contrastes onde diferentes valores se articularão como forma de valorizar o espaço.

Este local, tem uma grande diversidade de habitats muito ricos em água, que cria uma riqueza biológica imensa como sendo: aves, répteis, borboletas, mamíferos, anfíbios e peixes raros, que é devido à estreita rede de rios, ribeiras, lamaçais e salinas existentes e por estarem muito próximas da Reserva Natural.

Assim o objetivo da Câmara Municipal de Loures pretende que a Várzea seja valorizada a nível ambiental, social, económico e patrimonial, alertando para a importância de conservar e promover o valor económico dos usos e atividades agrícolas que existem nesta área, dar a conhecer os caminhos e quintas centenárias, que integram o vasto património cultural ali existente, mas, particularmente, promover o valor ambiental existente na rede de rios, ribeiras, lamaçais, sapais e salinas que, povoadas por um conjunto de aves, anfíbios e peixes raros, fazem da Várzea um ecossistema onde prolifera a biodiversidade.

O projeto Parque Agrário da Várzea e Costeiras de Loures quer, assim, garantir, neste território, os usos do solo que melhor conciliam as funções de produção agrícola com as de conservação da natureza e biodiversidade, de regulação ambiental, de identidade cultural e de recreio e lazer da população, através das seguintes ações:

- › Controlo de cheias e adaptação às alterações climáticas;
- › Restauro ecológico de linhas de água, conservação de outros habitats e proteção da biodiversidade;
- › Apoio à agro-silvo-pastorícia, incluindo as costeiras e as zonas de interface agro/urbanas;
- › Proteção e divulgação do património cultural;
- › Instalação de rede de caminhos pedonais e clicáveis, zonas de estadias e miradouros;

› Promoção da vivência do parque pela população através do desenvolvimento de conteúdos, ações e atividades.

O território oriental do concelho de Loures, densamente povoado, tem uma extensão considerável de frente do Estuário do Tejo, correspondendo a uma faixa com cerca de 5,5 quilómetros de lamaçal com grande valor ambiental e paisagístico e que, no futuro, será possível percorrer a pé ou de bicicleta, parando para olhar o rio.

O lamaçal, que constitui 1% do território concelhio, situa-se na Reserva Natural do Estuário do Tejo, uma das maiores zonas húmidas da Europa e o maior santuário de vida selvagem do país, segundo o Instituto da Conservação da Natureza e Florestas.

Para iniciar e estimular um processo de mudança, com vista à recuperação da frente urbana em que se insere, irá ser criado um passeio ribeirinho, pedonal e ciclável, junto ao rio Tejo e a nascente do IC2. Já foi dado início à candidatura ao POR Lisboa, para os estudos e prospeção geológica, geotécnica e topografia, necessários à concretização do projeto da Valorização da Frente Ribeirinha.

A ideia é iniciar a reconversão de áreas industriais desativadas e ultrapassadas, valorizando o património industrial e também as igrejas, palácios e quintas da encosta, insistindo sempre na diminuição das barreiras físicas e visuais. Pretende-se ainda que as estações de caminho-de-ferro se transformem em potenciais interfaces de transportes coletivos, analisando a criação de corredores verdes entre o rio e os aglomerados urbanos da encosta, de modo a aproveitar as ribeiras existentes. Valorizando o Estuário do Tejo como elemento estruturante da Área Metropolitana de Lisboa, o Passeio Ribeirinho do Tejo irá juntar-se com os percursos dos municípios de Lisboa e Vila Franca de Xira, e também com os futuros caminhos do Parque Agrário da Várzea e Costeiras de Loures, promovendo a mobilidade sustentável, estilos de vida mais saudáveis e a redução das emissões de carbono.

Serão criados passeios com diferentes perfis, com troços sobre estacaria e aterro. Articular-se-ão com os aglomerados habitacionais, aproveitando e melhorando os seis atravessamentos, existentes sobre a linha de caminho-de-ferro, construindo novos atravessamentos pedonais sobre o IC2. O projeto inclui, ainda, o restauro das ribeiras afluentes do Tejo e a utilização dos pontões existentes, como áreas de estadia para usufruto do rio.

Biodiversidade

Da vegetação existente fazem parte orquídeas únicas – autóctones, prados, olivais, carvalhais, freixiais, entre outras espécies de interesse.

Vive-se num ambiente rural, em que a ocupação agrícola, é dominante e florescente e reflete o maior valor económico da Várzea. Existem quintas seculares, hortas férteis, grandes explorações agrícolas, olivais e também pequenos bosques e prados.

Analisando em termos históricos e culturais, a paisagem serpenteada pela água deu a esta área solos férteis e vias de comunicação que marcaram, desde tempos remotos, a economia, a tradição e a cultura das povoações ao seu redor.

O património cultural legado está presente em todo o parque, podendo também ser visitado no Museu Municipal de Loures.

Infelizmente, e a par de todo este rico património natural, existem graves problemas ambientais, resultantes do impacto das atividades antrópicas sobre este ecossistema, nomeadamente,

uma exploração agrícola intensiva que faz uma utilização intensa de produtos químicos, provocando, para além da poluição do solo que altera as suas propriedades, a contaminação das águas.

Também se pode ver, ao longo dos percursos, vários focos de poluição urbana e industrial, que ali é constantemente depositada, chocando quem pretende usufruir daquela paisagem. A proximidade da Várzea ao Aeroporto da Portela, faz com que as partículas resultantes da passagem de aviões alterem as propriedades da atmosfera local e contribuam para incrementar a poluição dos solos e contaminação das águas.

A degradação ambiental, provavelmente, a maior ameaça à sobrevivência das várias espécies autóctones que aqui habitam, nomeadamente, um pequeno peixe: a boga-de-boca-arqueada de Lisboa (ou boga de Lisboa), cujo nome científico é *Iberochondrostoma olisiponensis*, e foi descoberta em 2006 nesta Região. Este organismo está em risco de vir a extinguir-se nas próximas décadas, se esta tendência não for invertida. A formação de híbridos entre a boga-de-boca-arqueada de Lisboa e a boga-Portuguesa, tem conduzido também à perda da integridade genética, sendo outra grande ameaça. Devido ao seu pequeno efetivo populacional, reduzida área de distribuição e provável extinção de algumas populações, a espécie foi classificada como “ criticamente em Perigo”, pela União Internacional para a Conservação da Natureza.

A agricultura intensiva, a introdução de espécies exóticas, a poluição urbana e industrial e as drenagens e aterros das zonas húmidas são as causas prováveis da diminuição dos efetivos populacionais da maioria das espécies aqui existentes.

Para inverter esta situação e por ainda serem muitos, os que desconhecem a zona da Várzea, a Câmara Municipal de Loures pretende valorizá-la e dar a conhecer estes elementos fundamentais do concelho, que marcaram no passado, a economia, tradição e cultura dos aglomerados ao seu redor. A ocupação agrícola, ainda dominante e florescente, conserva o valor económico desta área e oferece uma paisagem ampla e pitoresca, que convida a percorrer e descobrir.

Acessibilidade - Rede de Caminhos do PVCL

Existem os seguintes caminhos no PDM:

- Caminho do Trancão;
- Caminho do Povo;
- Caminho da Antiga Estrada Militar;
- Caminho de Sacavém a Apelação;
- Caminho dos Aglomerados Rurais;
- Caminho de Loures a Lousã;
- Caminho do Forte;
- Caminho Lousã a Vila de Rei;
- Caminho das Costeiras;
- Caminho Sacavém a St Iria da Azoia;
- Caminho Ribeirinho;
- Caminho do Tejo, do Parque das Nações e de Fátima.

3. Área de Intervenção – A Porta de São João da Talha e Especificidade do Lugar



Figura 56 – Costeira de São João da Talha, imagem do grupo. Fonte: Fotografia.

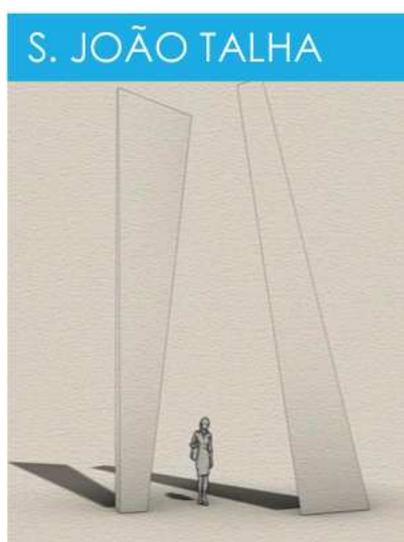


Figura 57 - Porta de São João da Talha.
Fonte: PowerPoint da Câmara de Loures.

O PVCL prevê uma Porta em São João da Talha. O presente capítulo analisa a área de intervenção, Porta de São João da Talha nas suas múltiplas dimensões, morfológica, preceptiva, social, visual, funcional e temporal. Aqui procuro identificar aquelas características da paisagem a incluir na proposta que contribuam para enaltecer o carácter único deste lugar.

3.1 Localização e História

Antes da sua constituição como freguesia, vários documentos, dos séculos XII e XIII, referem-se a "S. João da Talha" como povoação que ficava depois de Sacavém. O nome "S. João da Talha" parece ter evoluído deste modo: "Sacavém Extra Muros" - "Talha" - "Aldeia da Talha" - "S. João do lugar da Talha"

- S. João da Talha" (https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_da_Talha)

Quanto ao nome de Sacavém Extra Muros (Talha), há relatos que mencionam que a 7 de Abril de 1385, D. Nuno Álvares Pereira recebe o Reguengo de Sacavém Extra Muros (Talha).

O nome "S. João da Talha" adveio do nome da igreja, cujo padroeiro é "S. João Baptista" que se localizava num "lugar" conhecido por "Talha". Com o aumento da população neste lugar, e para melhor localizar a igreja, passou a chamar-se "S. João do Lugar da Talha", constando este nome, no século XVIII, no manuscrito do padre Filipe de Carvalho. Mais tarde, o nome "S. João do lugar da Talha" seria considerado demasiado extenso e para simplificar foi alterando para "S. João da Talha", sendo esta a designação que hoje conhecemos. (https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_da_Talha) A Freguesia de S. João da Talha foi criada em 1388 (Séc. XIV), resultante da desagregação de Sacavém e a sua população era cerca de 300 habitantes.

Em 1528 nasce na freguesia o padre Jesuíta Vicente Rodrigues, que se tornou um grande missionário no Brasil, onde é considerado o primeiro "Mestre-Escola".

Devido à peste devastadora que afeta Lisboa, capital do reino, no séc. XVI, o Rei D. Manuel e a sua corte é forçado a refugiar-se na Talha (Budel). A presença da família real nesta freguesia deu origem à construção da Ermida de Nossa Senhora dos Remédios, que ainda hoje existe, embora desfigurada. Também em 1609, os representantes da Coroa refugiam-se em Talha, pela pureza das suas águas.

Economicamente, S. João da Talha, destaca-se no sector secundário, embora o comércio desempenhe também a função fundamental para a sua população

(https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_da_Talha).

Numa publicação de A. Cardoso sobre a freguesia, era feito um retrato do característico habitante talhense:

É o tipo saloio, hortelão exímio, trabalhador incansável. (...) Pois em S. João da Talha a característica psicológica é ainda a salaia nitidamente distinta do tipo ribatejano que surge a escassos quilómetros em Santa Iria da Azóia. Sabe-se que em 1840, S. João da Talha, pertencia ao 3º Bairro de Lisboa, onde continuou até à criação do concelho dos Olivais, em 1852, por decreto de 11 de setembro, no qual foi integrada. No mercado da Ribeira ainda aparece o maravilhoso carro artístico de hortaliças do último saloio autêntico.

No ano de 1880 - S. João da Talha é composta pelas seguintes aldeias: Bobadel, Coreiceira, Talha Pequena, Vale de Figueira e obviamente S. João da Talha, tendo sido incluída no Concelho de Loures quando este foi criado em 26 de julho de 1886.

A 28 de Julho de 1896 - Diário do Governo N. o 1.68, foi anexada à Freguesia de Santa Iria da Azóia, onde esteve integrada, até 1 de março de 1939, para efeitos administrativos. A 1 de Março de 1939 reconstituída como Freguesia, pelo DL 29.468.

Em 1989 foi criada a Freguesia da Bobadela, por desanexação da Freguesia de S. João da Talha, originando um decréscimo da população. Em 1 de Julho de 2003 a Assembleia da República aprovou a Elevação a Vila. (https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jo%C3%A3o_da_Talha)

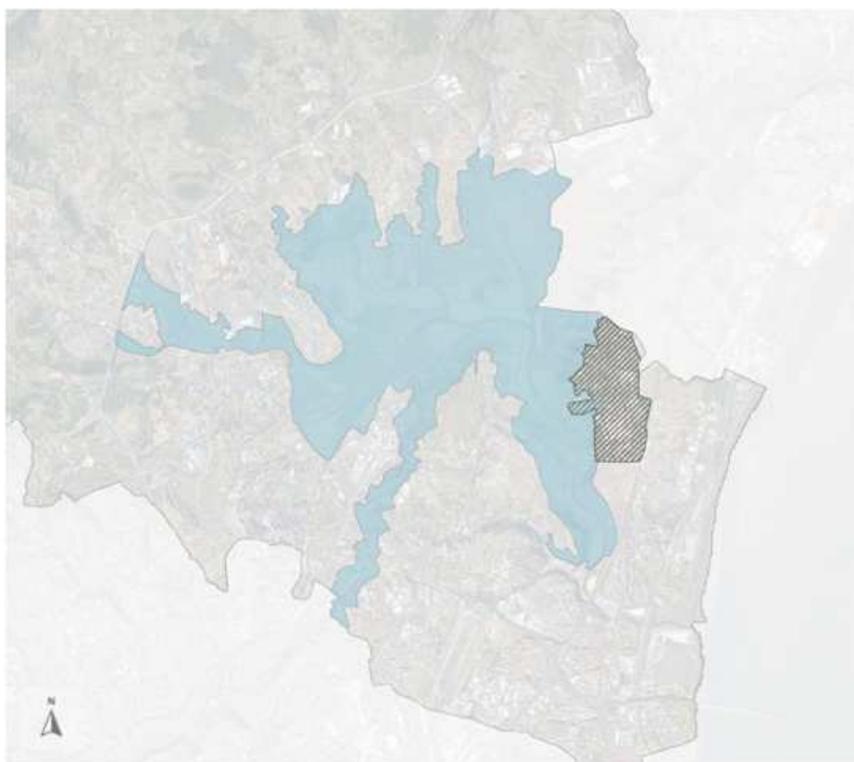


Figura 58 - Freguesia de São João da Talha, a oriente do PVCL, com destaque para o limite do Concelho de Loures, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

1.2 Suporte Físico Natural

A área de intervenção do parque urbano a propor para a porta de São João da Talha situa-se sobre o terreno interface entre a Várzea de Loures e o planalto que a separa do rio Tejo. O local concentra, portanto, três zonas fisiográficas diferenciadas: vale, encosta-costeira e planalto. A paisagem, apresenta uma grande riqueza topográfica com características únicas para parque. A planície da Várzea e o rio Trancão, a costeira de declive bastante acentuado e a zona de planalto com efeito de varanda sobre a paisagem da Várzea, Unhos na outra margem e ainda o rio Tejo e Almada ao fundo.



Figura 59 - Planalto de São João da Talha, imagem do grupo. Fonte: Fotografia.



Figura 60 - Promontório de São João da Talha, imagem do grupo. Fonte: Fotografia.

Tipo de solo e substrato rochoso

A morfologia no concelho de Loures resulta essencialmente da erosão hídrica e da dinâmica erosiva provocada pelo escoamento superficial e desorganizado e pela interferência humana, que leva à formação de rochas sedimentares, estruturalmente distintas.

Aluviões dos rios Trancão, Loures, Lousa, Pequeno do Trancão e Ribeira das Romeiras, Póvoa, Novais, Montachique e Pinheiro de Loures, são estáveis na pedogénese e são utilizados para fins agrícolas.

O Relevo de Costeiras é caracterizada por encostas íngremes que formam a frente dos litorais, prevalecendo na zona sudeste de Santa Iria de Azóia. O reverso é um planalto com relevo ondulado suave a muito liso (ROS/ROMS) e fortemente antropizado.

Relevo ondulado é suave a muito suave (ROS/ROMS) – existe nas áreas a sul do concelho, localidade de Sete Casas, com declives inferiores a 8%.

O relevo acidentado e íngreme (RMV) predomina nas encostas das formações carbonáticas. bancos alternados de rocha dura (calcário ou calcoarenitos) criando cornijas e rocha macia (marga e/ou argila) que existem nas vertentes dos vales muito encaixados do troço médio do Trancão.

Na área do concelho destacam-se na paisagem alguns relevos residuais, maioritariamente com formações basálticas duras e instruídas nas rochas carbonatadas do Cretácico. (<https://www.cm-loures.pt/AtlasConteudo.aspx?DisplayId=1105>)



Figura 61 - Camadas do solo.
 Fonte: <https://www.infoescola.com/wp-content/uploads/2020/03/camadas-solo-714652237.jpg>

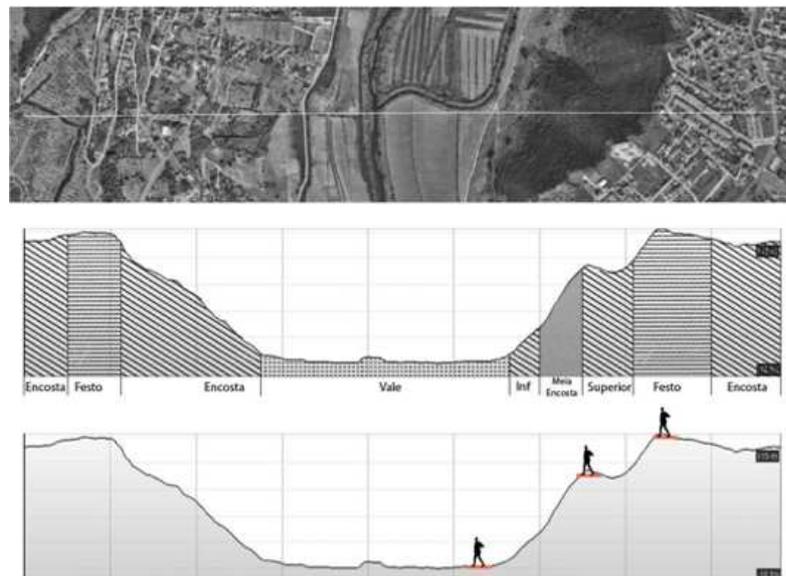


Figura 62 - Seção fisiográfica no vale do Rio Trancão com o planalto de São João da Talha à direita, imagem do autor. Fonte: QGIS e Photoshop.

3.3 Análise bioclimática

3.3.1 Carta solar

A zona de intervenção do parque urbano fica essencialmente exposta a poente e ao longo de toda a sua costeira. O parque ocupará também parte do promontório e nessa posição captará todas as exposições solares por este ser plano. Neste contexto, a zona das costeiras será particularmente condicionada para os usos no verão durante a tarde, onde o sol se apresentará quase que perpendicular à superfície, gerando ali um microclima muito quente, onde a criação de sombreamento é difícil. Também as vistas sobre a Várzea serão muito mais belas pela manhã e até ao meio dia, favorecidas pela direção da luz solar.

A exposição das vertentes implicará também e pelas razões expostas a escolha adequada das espécies que se dão naquele contexto, essencialmente mato.



Figura 63 - Carta Solar para Lisboa, solstício de inverno, solstício de verão e equinócios. Fonte: sunpath3d

3.3.2 Brisas e Ventos dominantes

As brisas de verão e os ventos dominantes, principalmente os de inverno, são aspetos importantes a ter em conta para o conforto bioclimático do parque urbano e tendo em conta a sua função primordial de lazer.

As brisas que vêm do Tejo refrescam muito os dias quentes de Verão e há que tirar partido delas. Estas brisas sobem os vales (Brisas de Marítimas ou de Vale) e ocorrem entre o fim da manhã e o princípio da tarde, quando a velocidade do vento regional o permite, (Alcoforado, 1987). Ao final da tarde e com o arrefecimento noturno da terra, dá-se a inversão dessas brisas que passam a descer os vales em direção ao rio (Brisas Terrestres ou de Montanha).

Em visita ao local durante o verão de 2022, num dos seus dias mais quentes, presenciámos este fenómeno de modo inequívoco. A redução da temperatura das áreas que mais beneficiavam das brisas era enorme.

Quanto aos ventos dominantes, eles são maioritariamente de norte, quer em frequência quer em intensidade, conforme se pode observar na estação de Cabo Ruivo (Figura 64). Assim e especialmente na zona do planalto, mais exposta e este tipo de vento deveremos prestar grande atenção ao desempenho ambiental dos espaços de permanência.

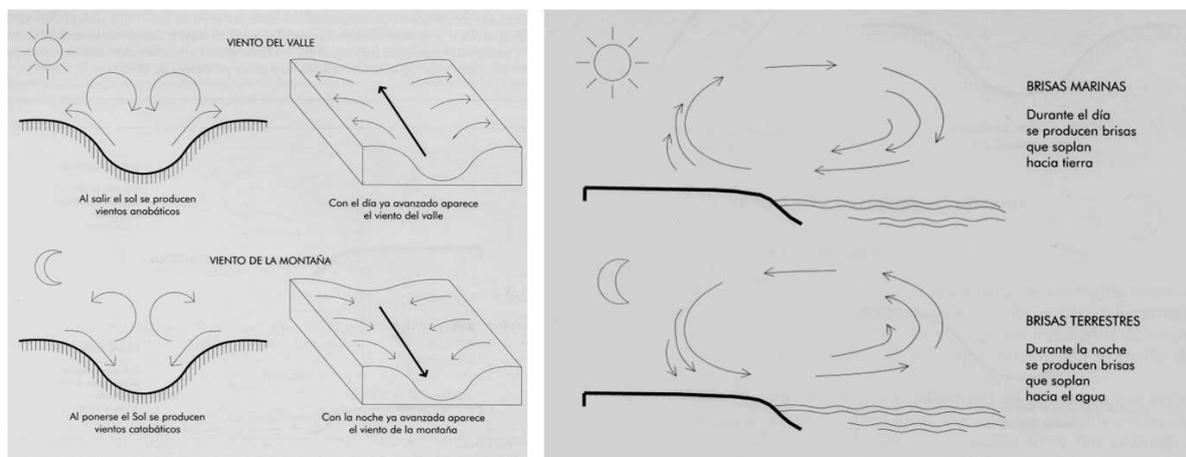


Figura 64 - Brisas de Vale-Montanha e Brisas Marinhas-Terrestres presentes na área de intervenção, (Farina Tojo, 2001).

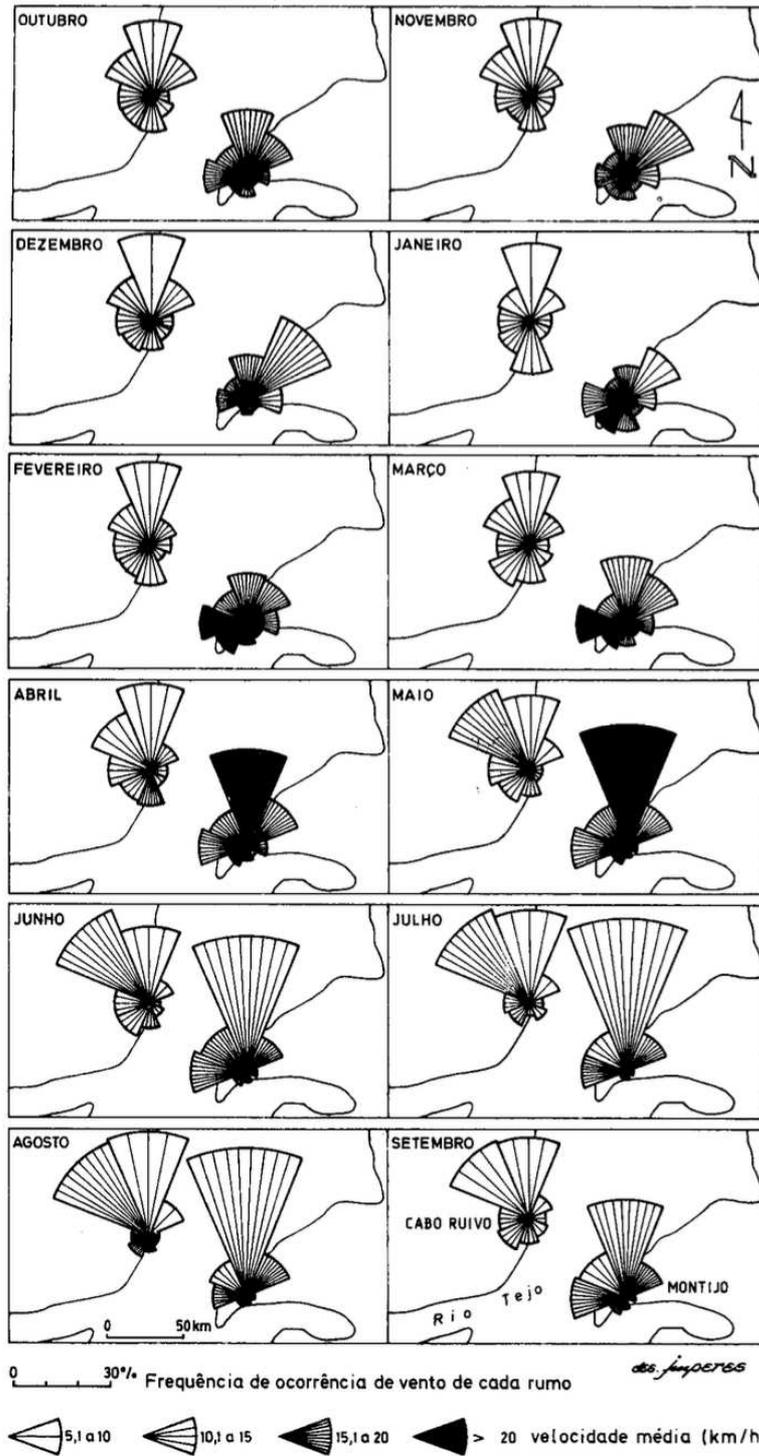


Figura 65 - Rosas do Ventos mensais em Cabo Ruivo e no Montijo, (Alcoforado, 1987)

3.4 Estrutura funcional e malha urbana

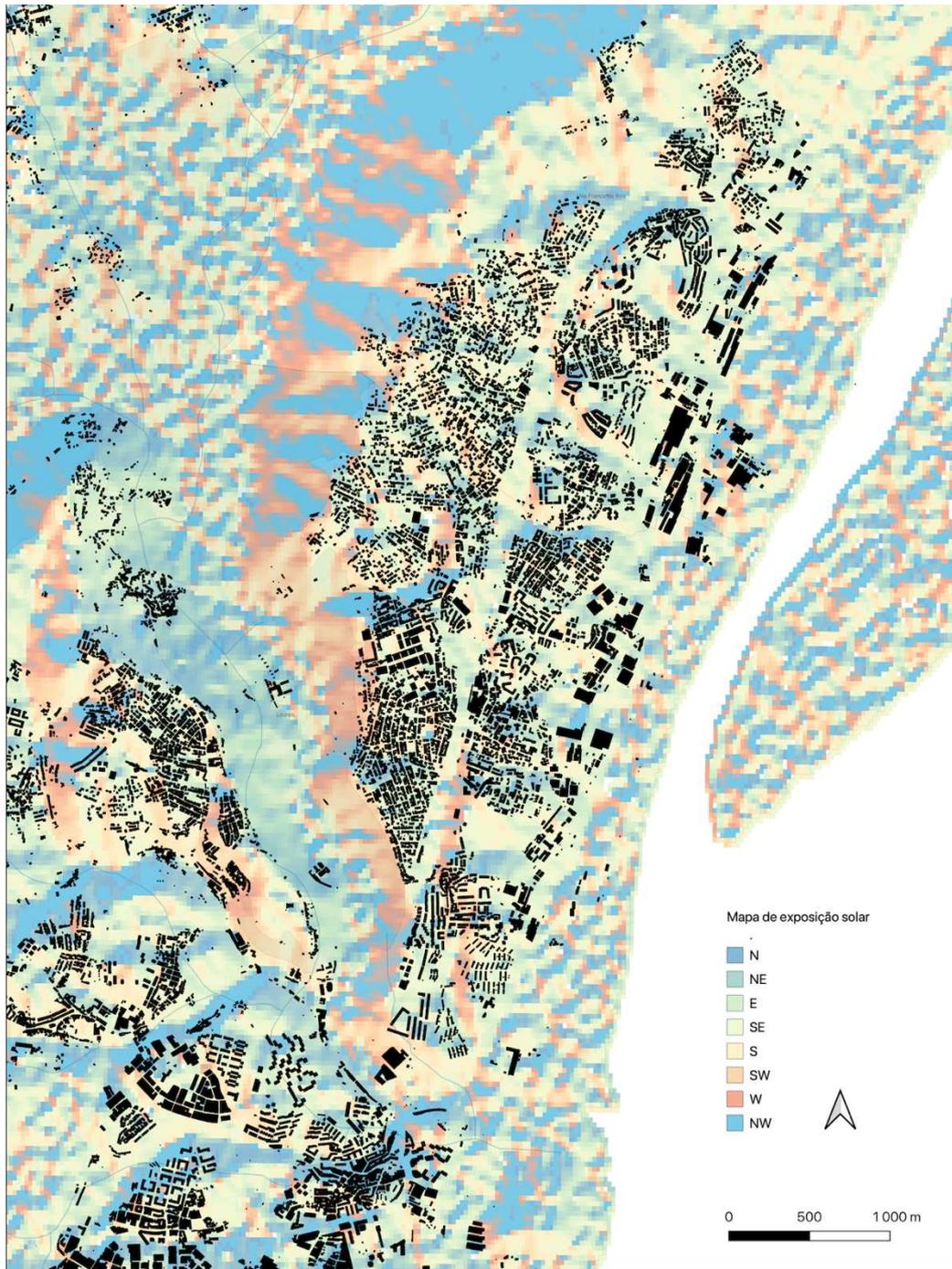


Figura 66 - Exposição solar de Loures, imagem do autor. Fonte: Qgis e informação do PDM de Loures

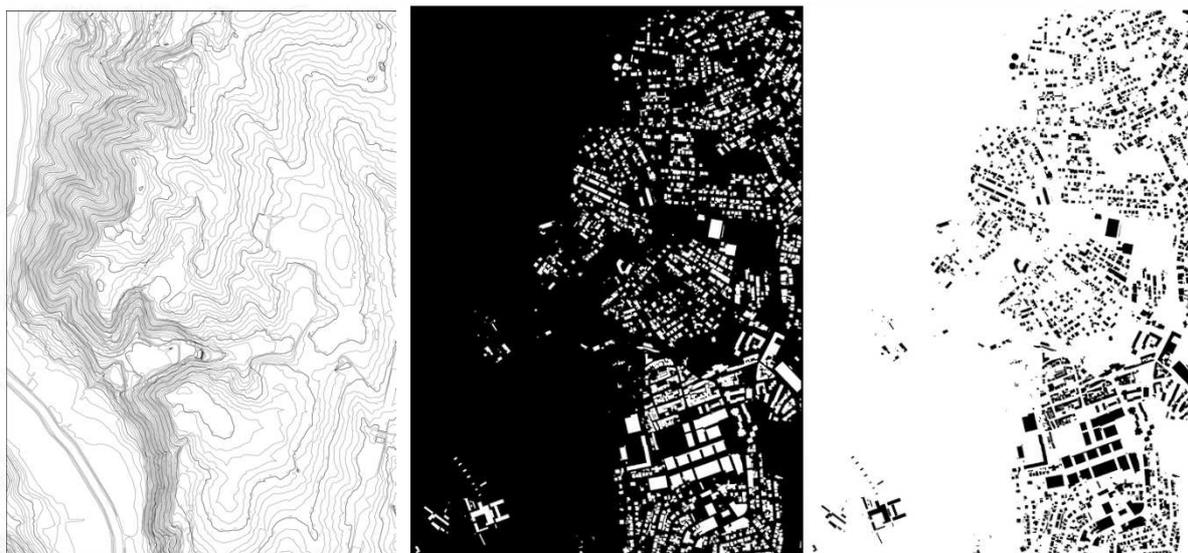


Figura 67 – Curvas de nível, Relação figura fundo e cheios e vazios, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

São João da Talha é uma área desestruturada a nível de acessos, para quem entra e para quem sai da freguesia, com inexistência de mobilidade suave, de passeios, de espaços verdes e de serviços e a sua morfologia urbana é completamente desenquadrada, dando origem a espaços vazios e sem uso. Não existe ligação ao Parque da Várzea, resultando numa subvalorização.

Verifica-se que a estrutura dos espaços pedonais (amarelos) é quase inexistente e descontínua. A predominância do carro (vermelhos) é muito clara e a quantidade de espaços verdes é abundante, mas desarticulados.



Figura 68 - Estrutura funcional dos layers urbanos, imagem do autor. Fonte: QGIS.

3.5 Diagnóstico do lugar: Integração e síntese



Figura 70 - Planta esquemática de Vermelhos, amarelos e verdes de São João da Talha, imagem do autor. Fonte: QGIS.

Analise SWOT

Potencialidades

- Posição estratégica urbe e a Várzea;
- Vistas de elevado valor cénico;
- Topografia favorável à criação de espaços com vistas;
- Arvoredo e vegetação autóctone;
- Boa exposição solar;
- Rede de caminhos pré-existent;
- Possibilidade para estacionamento;
- Espaços vazios expectantes.

Problemas

- Traseiras das casas de costas para a Várzea;
- Falta de acesso ao Vale devido à barreira topográfica;
- Ausência de sombreamento;
- Espaços vazios sem uso;
- Caminhos pedonais desestruturados;
- Predomínio do carro sobre o peão.

Estratégias

- Criar um cordão de vistas (caminhos e pontos de permanência);
- Aproveitamento da forma topográfica com vários patamares e caminhos;
- Colocação de árvores em zonas estratégicas para criar sombreamento;
- Colocar mobiliário Urbano, para incentivar o uso e as atividades;
- Criar parques de estacionamento e melhorar a mobilidade suave;
- Qualificar os caminhos pedonais pré-existent.

Figura 69 - Analise SWOT, imagem do autor. Fonte: Photoshop.

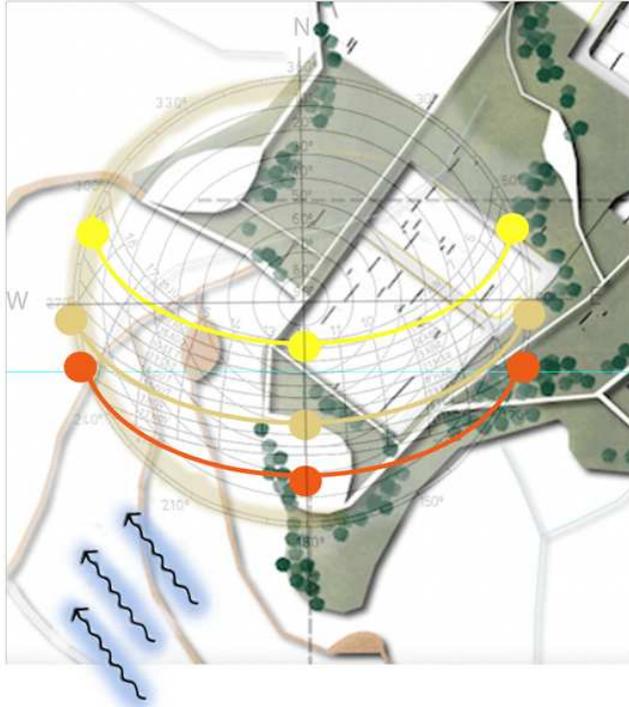


Figura 71 – Diagrama do Lugar, imagem do autor. Fonte: QGIS, sunpath3d.

4. Parque Urbano da Frente Costeira de São João da Talha: Uma Estratégia de Intervenção para o Desenho da Cidade Sustentável e Inclusiva

Como foi dito anteriormente, e na sequência da análise realizada no capítulo anterior, é objetivo deste trabalho, elaborar uma estratégia de intervenção para a zona Costeira entre São João da Talha e a Várzea de Loures que constitua uma interface entre a “cidade” e o “campo”, que sirva de porta de entrada ao PVCL e traga assim um maior número de pessoas à Várzea de Loures.

Sendo um local privilegiado pela sua topografia e localização geográfica, com uma riqueza visual única, é sem dúvida um espaço rico para lazer, desporto, exploração e relação com a natureza, tanto visual, quanto sensorial.

4.1 Rede de Caminhos

Situado no Concelho de Loures, a Várzea PVCL é um vasto território com falta de acessos de percursos. É importante dar prioridade à acessibilidade global (corredor verde AML até Loures), fazendo com que o Concelho fique com menos barreiras entre si.

É com base nos caminhos já propostos pelo PDM, que não se ligam entre si e tendo como base a cartografia histórica e a morfologia do relevo e da paisagem, que crio percursos, para que haja ligação entre os núcleos povoados e o arredor da Várzea. A própria morfologia, relevo e os rios existentes na Várzea, cria limites e divide o território.



Figura 73 - Esquício AML e seus verdes, imagem do autor.



Figura 72 - Esquício AML e seus verdes, imagem do autor.

Com a ligação que está a ser feita em Sacavém entre a zona da Expo e Santa Iria da Azóia, formando uma nova frente Ribeirinha, Lisboa fica mais próxima da Várzea. Assim sendo para a criação de uma nova articulação de percursos pedonais, ciclovias e mesmo de carros e estacionamento, irei focar-me no caminho de Fátima (Fundo Vale), no percurso Meio Vale e por fim no Percurso de Cumeada (cordão de vistas).

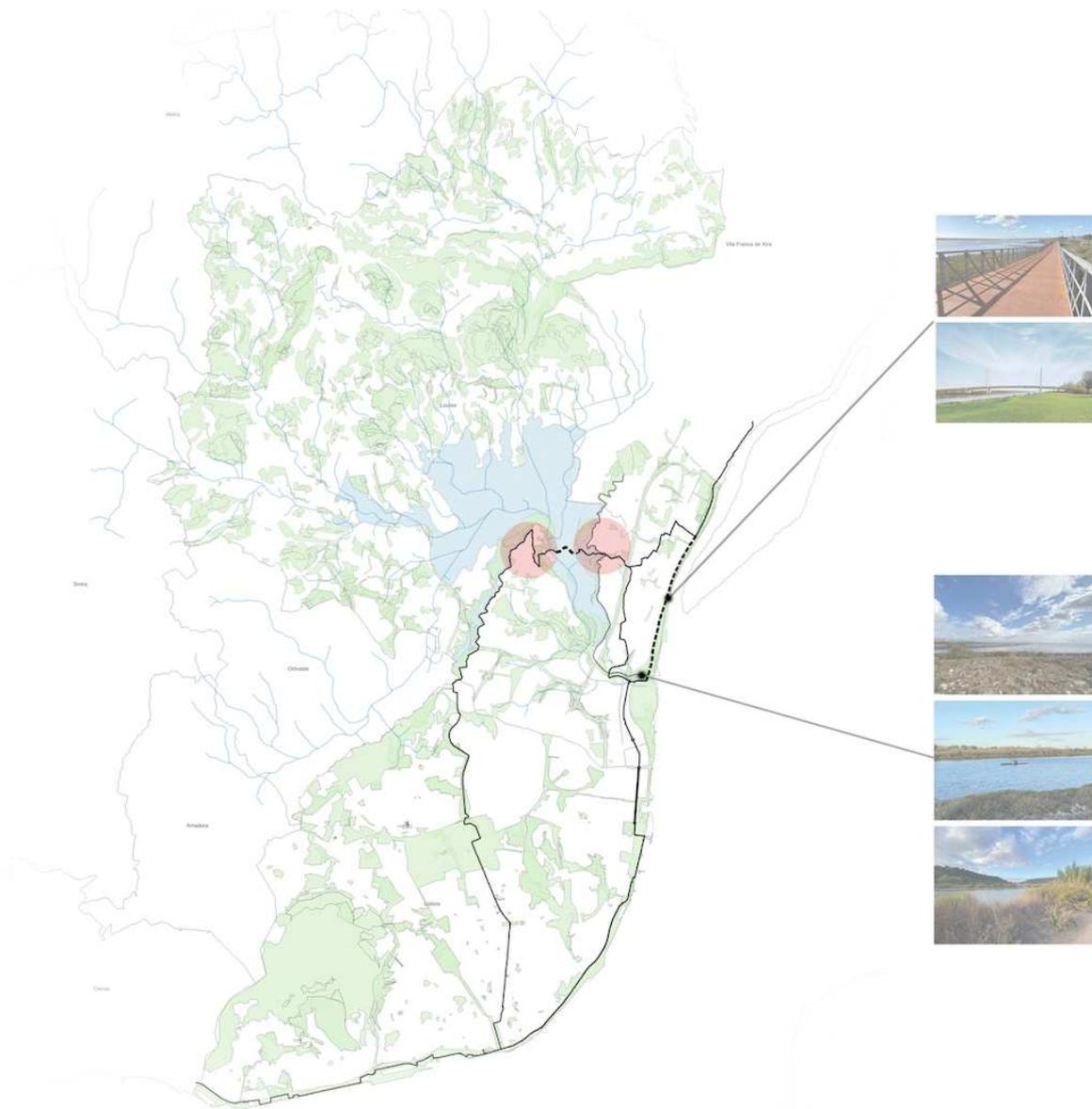


Figura 74 – Planta AML com os espaços verdes e acessos de Lisboa até Loures, imagem do autor.
Fonte: QGIS e informação do PDM de Lisboa e Loures.

Percurso de Fátima: É um percurso de vale, com uma forte ligação ao Rio Trancão, mas com bloqueio visual para a água. O percurso inicia-se em Sacavém, onde existe uma forte ligação com a água, mas, esta ligação vai-se perdendo, à medida que se caminha no percurso, em direção a norte. Sendo um percurso de Fundo Vale, com pouca amplitude visual, ao caminharmos, é possível ter enquadramentos visuais, com os pontos mais altos da Várzea, as suas cumeadas.

É um percurso sem sombreamento, sem zonas de permanência, e sendo ele um percurso muito importante, por fazer parte de um caminho religioso (caminho de Fátima e Santiago de Compostela) é importante repensar em pontos de permanência, na sua sinalética e na ligação com Unhos e São João da Talha. É também um caminho que serve para desporto e lazer.

O caminho de Meia Encosta, vai servir de ponto de ligação entre o Caminho de Fátima (Fundo Vale) e o Caminho de Cordão de Vistas de São João da Talha (Cumeeira). Sendo um caminho de meia encosta, iremos encontrar uma boa visibilidade para o território da Várzea. Por esse motivo, proponho criar pontos de permanência, de vista (miradouros) e sensoriais (ver, ouvir e sentir), assim como aglomerado de árvores, que ajudará a criar sombras, e a atrair aves e outra vida animal.

Caminho de Cumeada - Cordão de Vistas São João da Talha: Este caminho tem como objetivo criar uma frente para a Várzea. São João da Talha encontra-se de costas para a Várzea, pois é o limite do Conselho, é a traseira das casas.

Através deste Cordão de Vistas, será possível fazer ligação entre Fundo Vale, Meia Encosta e Cumeada, dado que, a própria topografia acaba por ser um limitador. Sendo esta a melhor zona a nível de vistas, proponho um percurso que ligará os miradouros/ pontos de permanência, que se localizam em promontórios.

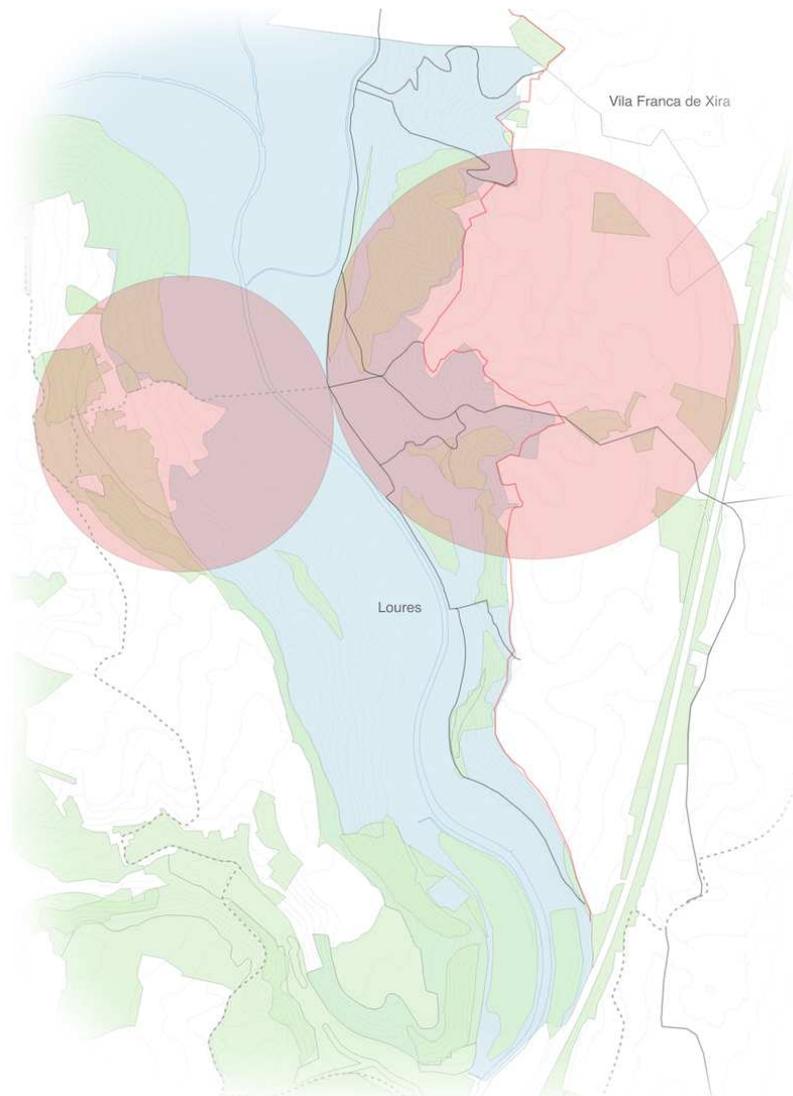


Figura 75 – Rio Trancão, Freguesia de Unhos e São João da Talha, imagem do autor.
Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

4.2 Parque Urbano - Ligar a Várzea à Urbe

Irei focar-me mais na zona de São João da Talha que, por ser delimitada pelo Rio Tejo e pelo Rio Trancão, forma uma ilha. Assim sendo, a ligação ao centro de Lisboa será feita por São João da Talha, onde pela nova frente de costeira, faço a ligação ao caminho de Fátima.



Figura 77 - Esquízo do limite do Parque Urbano em São João da Talha, imagem do autor.



Figura 76 - Esquízo do limite do Parque Urbano em São João da Talha e do cordão de vistas, imagem do autor.

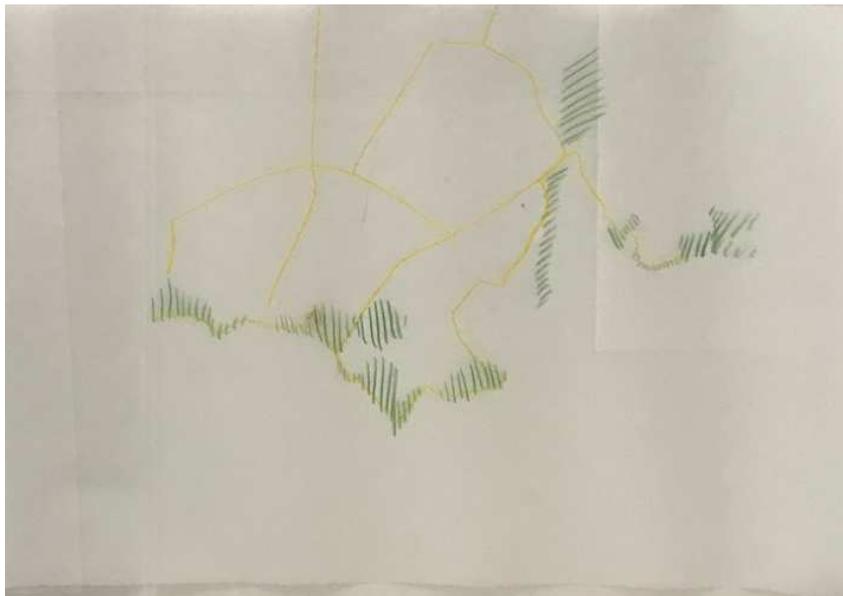


Figura 78 - Esquízo do limite do Parque Urbano em São João da Talha e da rede de caminhos, imagem do autor.

É possível verificar no território de São João da Talha a massificação da urbe contra o espaço natural/ Várzea. Com a barreira criada pela topografia, a melhor forma de se ligar o vale ao ponto mais alto, onde fica a parte urbana, é criar um parque urbano, fincando assim uma nova frente em São João da Talha.



Figura 79 – Esquicho do Parque Urbano e cordão de vistas, imagem do autor.

Com a análise dos verdes onde divido os espaços público, privado e acessível, verifica-se uma desordem e falta de continuidade nos vazios existentes na parte urbanizada.

Partindo do Cordão de Vistas, limite entre a Urbe e a Várzea, faço a ligação dos espaços verdes existentes, através das principais e mais importantes redes de vias de acesso. Esta análise foi feita através do mapa de amarelos, e vermelhos, e assim, crio o Parque Urbano.



Figura 81 – Esquicho do Parque Urbano com a rede viária e ciclável, imagem do autor.



Figura 80 - Esquicho do Parque Urbano, rede viária e ciclável, bolças de estacionamento, proposta de edificado e pontos de permanência, imagem do autor.

Criando estes corredores verdes, ajudo também a salvaguardar os seres vivos como aves, abelhas e outros. É também importante saber onde colocar as bolsas de estacionamento, para que haja harmonia entre o espaço verde e o espaço automóvel.

Assim, para a criação de estacionamento, usarei os terrenos isolados, junto das principais vias de acesso ao parque e e, seguindo o princípio de Christopher Alexander, estas bolsas não terão mais do que 6 lugares de estacionamento, sendo abraçadas por árvores e vegetação, para que não se perca a ligação entre o espaço verde e o espaço urbano.



Figura 82 - Esquízo do Parque Urbano, permeabilidade e proposta de edificado, imagem do autor.

Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.



Figura 83 - Esquízo do limite do Parque Urbano, imagem do autor.

Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

Sendo um lugar rico em linhas de água, é importante que haja no centro do Parque Urbano, um espaço com água. A escolha deste espaço é feita numa zona de linha de água, onde poderá haver a retenção da água. No fundo vale existe esta presença da água, acho importante continuar essa ligação na zona mais alta, pois a água é um elemento importante para a harmonia do espaço.

Em relação à mobilidade suave (ciclovias e vias pedonais), esta só passará em pontos estratégicos e pelas principais vias até ao parque urbano.

Relativamente ao parque, na zona de Meia Encosta, como já referi anteriormente, a intenção passa por criar espaços de permanência/Miradouros, para que as pessoas possam descansar e aproveitar a vista à medida que vão descendo para o vale. Será um caminho sensorial a nível visual, do olfato, da auditivo, e de tato. Conforme o padrão Tree Places do Christopher Alexander, crio aglomerados de árvores, que chamarão pássaros, e outros seres vivos, fazendo com que e a encosta passe a ser um espaço de contemplação visual perfeito da Várzea.

No fundo do vale a experiência será de igual modo sensorial, pois a relação que o percurso religioso de Fátima tem com o Rio Trancão, é tão sensorial como os restantes percursos.

Nos pontos de permanência escolhidos por mim, que têm uma relação direta com pontos de passagem importantes, será possível descansar, aproveitando a paisagem visual, o som da água, que

poderá ser visível ou não, a relação com a natureza, principalmente com as árvores, e com o habitat natural.

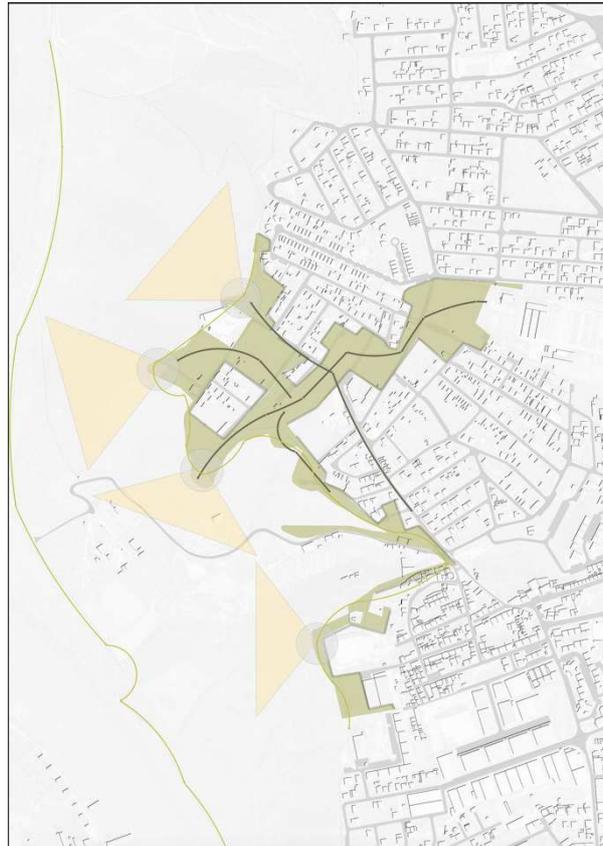


Figura 84 - Esquiço do Parque Urbano, da permeabilidade, dos pontos visuais, dos miradouros e da rede de acessos, imagem do autor.

Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

É também de salientar a importância de sinalética existente no percurso religioso de Fátima, pois é um caminho onde podemos facilmente nos cruzar com os peregrinos, logo a minha intenção é melhorar o caminho para que a sua passagem seja feita da melhor forma possível, quer a nível de espaços de descanso e de sombra.

4.3 Cordão de Vistas

O percurso do Cordão de Vistas é o limite da própria encosta, onde se pode encontrar as traseiras das casas. Sendo um lugar com uma relação forte com a vista da Várzea criei esse percurso nesse limite, onde coloco espaços verdes e miradouros, para resolver a situação das traseiras das casas.

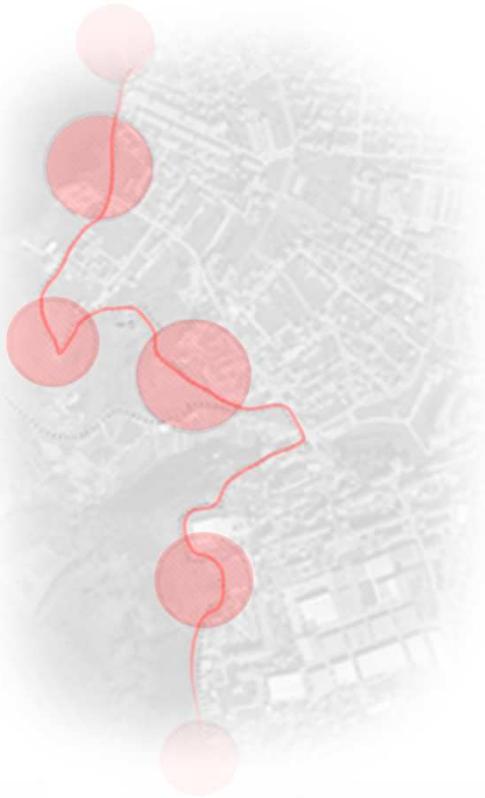


Figura 86 – Planta do Cordão de Vistas, imagem do autor.
Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.



Figura 85 - Planta do Cordão de Vistas, imagem do autor.
Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

Ao longo do percurso, vamos descobrindo os miradouros/pontos de permanência, estrategicamente posicionados no fim das linhas de fecho/promontórios, que servem como pontos de paragem.

Este percurso poderá ser feito a pé ou de bicicleta e irá servir também como ponto de ligação entre os bairros que já lá existem, melhorando a acessibilidade da área.

A vegetação, os pequenos largos, a sinalética e o mobiliário urbano, irão ajudar a orientar o percurso.

É importante referir que ao longo desta linha pedonal ou ciclável, existe uma forte relação visual entre os próprios miradouros. Visualmente é possível localizar os restantes miradouros, por se encontrar em zonas estratégicas.

É a partir do Cordão de Vistas que se faz a ligação pedonal e ciclável, para o interior do Parque Urbano dentro da Urbe, assim como a ligação para o Vale da Várzea.

O percurso e os Miradouros a nível visual e como ponto mais alto, serve para perceber o restante território da Várzea e a sua topografia. O Rio Trancão é também uma forte presença visual assim como o Rio Tejo, pois como se encontra numa linha de *fecho*, é possível ver os dois lados.

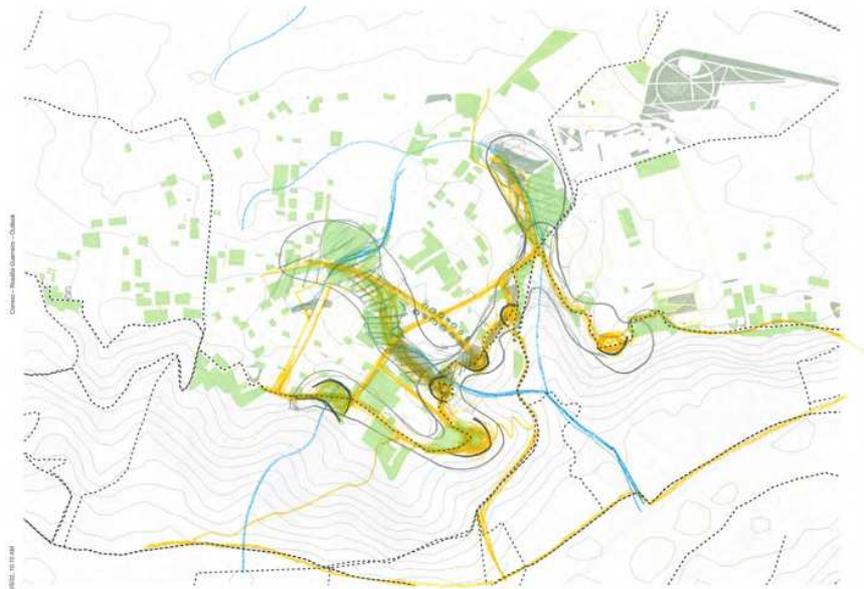


Figura 87 - Esqueto do Parque Urbano, da permeabilidade, dos pontos visuais, dos miradouros e da rede de acessos, imagem do autor.
 Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

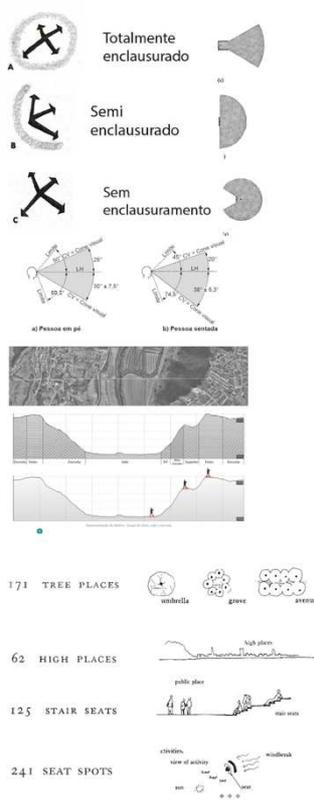


Figura 88 – Esquemas visuais, (Gibson, J. J., 1966), Seção fisiográfica no vale do Rio Trancão com o planalto de São João da Talha à direita, imagem do autor.
 Fonte: QGIS e Photoshop e os Padrões - (Alexander, 1977).

É importante criar corredores verdes ao longo do percurso não só para criar pontos e momentos, assim como sombras e vida animal. Essa vegetação também vai servir para resolver o problema das traseiras das casas lá existentes. Visualmente será muito mais agradável e mais organizado espacialmente.

As bolsas de estacionamento não estarão muito próximas deste Cordão de Vistas pois, a vista quanto mais contida for, mais permanece viva para sempre. O seu acesso deve ser demorado e devem ser criadas várias janelas de vista, a fim de se poder tirar o melhor partido do percurso a efetuar até ao local de chegada, quer seja a pé ou de bicicleta. Atualmente estes locais são espaços que se encontram de acesso fácil e com ar de abandono. Assim aproveito para organizar espacialmente estes espaços vazios, que criam confusão e desordem na própria malha urbana. São aberturas que se encontram entre casas ou espaços isolados, fazendo com que a população as utilize para depositar o lixo.

É também importante para quem lá vive, ter um espaço verde, para disfrutar com a família, amigos e para todas as pessoas que por lá passam, quer sejam peregrinos ou visitantes fora do Concelho.

A intervenção será o mais natural e orgânica possível, em relação ao material a aplicar, quer a nível do mobiliário urbano, quer a nível de piso, para que não haja um choque entre o construído e o natural.

Por fim, estes miradouros serão trabalhados de formas diferentes, criando vários ambientes ao longo do percurso, como por exemplo um espaço mais reservado ou menos reservado, espaço para merendas, espaços mais naturais aproveitando a topografia, para que as pessoas possam relaxar de baixo de uma árvore, áreas mais lúdicas, para que os mais pequenos e suas famílias tirem partido das brincadeiras.

4.4 Miradouros

Ao longo do cordão de vistas, identifiquei os locais que para mim são mais importantes, a nível de pontos visuais. A seleção destes miradouros/pontos de permanência, teve como base uma análise de festos e talvegues onde é possível perceber a passagem das linhas de água e os promontórios. Assim sendo é importante relacionar o caminho proposto por mim com os pontos de permanência, juntamente com as ligações para o fundo vale.

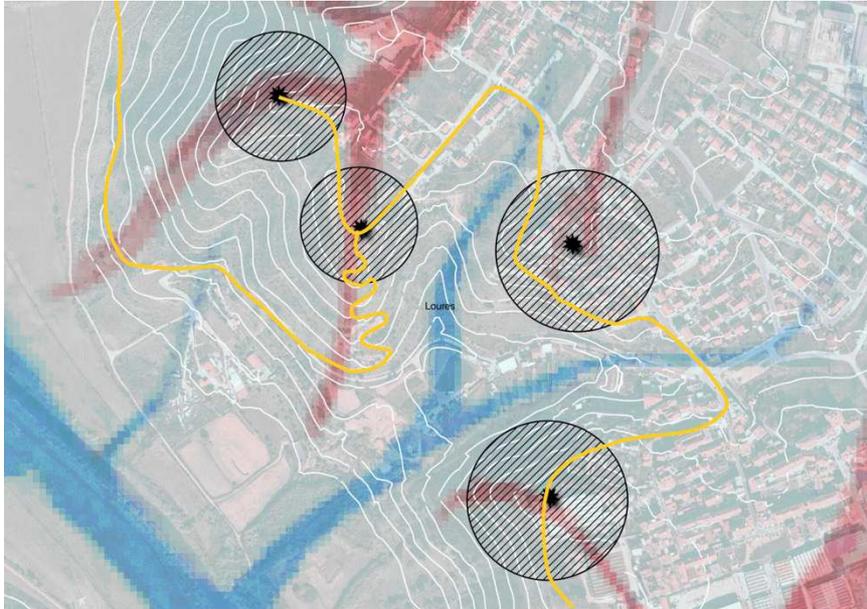


Figura 89 – Esquema do cordão de vistas, pontos de permanência e acessos, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loares.

É num promontório que normalmente se encontra os melhores enquadramentos visuais. Sendo um ponto alto, por norma é o local que as pessoas procuram (padrão High Places do Christopher Alexander), para se situar localmente, daí a importância de fazer miradouros/pontos de permanência ao longo do meu percurso de vistas.



Figura 91 – Esquema de um miradouro, imagem do autor.

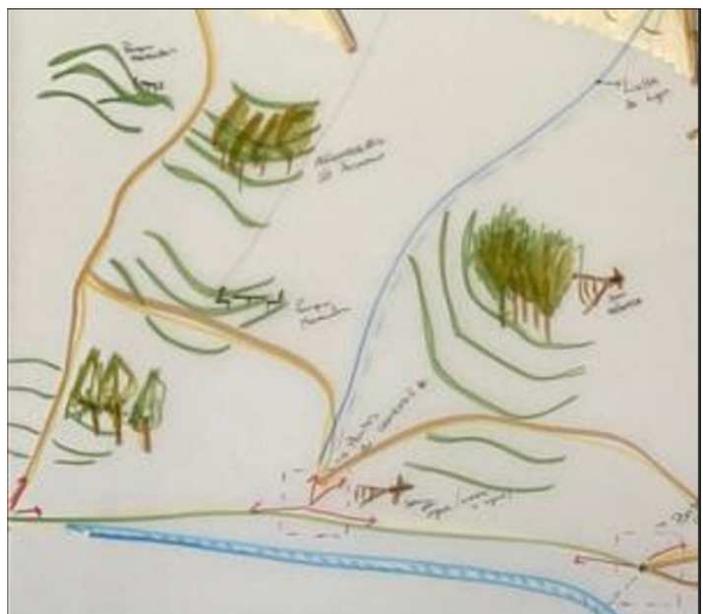


Figura 90 - Esquema de um miradouro, imagem do autor.

Cada miradouro/ ponto de permanência, terá uma intervenção diferente e adequada ao local.

O miradouro Padre Jesuíta Vicente Rodrigues (nome atribuído em memória a um morador importante da Freguesia), que se encontra junto à rua Duque Saldanha, tem uma característica diferente, não é tão delimitado, tem uma maior área de abrangência visual e serve como ponto de passagem para o miradouro do poço que se encontra ao lado. Neste espaço, crio zonas Tree Places (aglomerado de árvores), junto com o mobiliário urbano. Devido à topografia existente, aproveito para fazer zonas rampeadas, para que as pessoas possam sentar ou deitar, aproveitando o enquadramento visual.



Figura 92 - Planta do Cordão de Vistas, verdes, amarelos, vermelhos, cinzentos, e imagens do ambiente, imagem do autor.
Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.

O miradouro do Poço, tem uma característica diferente por ter um ângulo de visão mais aberto e alinhado com o Rio Trancão. Topograficamente é um miradouro com dois patamares e o seu limite é mais arredondado, fazendo lembrar um anfiteatro. Neste ponto de permanência, proponho a realização de um anfiteatro, assim como um corredor verde, que direcione e dê continuidade para o interior do parque urbano, onde existirá um Lago.



Figura 93 - Planta do Cordão de Vistas, verdes, amarelos, vermelhos, cinzentos, e imagens do ambiente, imagem do autor.

Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.



Figura 94 - Fotomontagem do miradouro Padre Jesuíta Vicente Rodrigues, imagem do autor.

Conclusões

Este trabalho sugere, no contexto da criação de um Parque Urbano na Freguesia de São João da Talha, e da criação da Nova Frente Costeira, contribuir para a melhoria do limite entre a Urbe e a Várzea. Tem também como objetivo, tornar o bairro de S. João da Talha uma comunidade mais inclusiva, segura, resiliente e sustentável, através da criação de espaços verdes públicos, seguros e acessíveis para todos, incluindo os grupos de risco.

Paralelamente, procura-se minimizar o impacto das alterações climáticas e melhorar o conforto e a imagem ambiental, recorrendo ao estudo das características do lugar e seu contexto, uso de materiais sustentáveis e locais que ajudem a restaurar e promover a utilização sustentável dos ecossistemas terrestres, nomeadamente o ecossistema da Várzea de Loures.

Mais especificamente esta dissertação procura responder e compreender os princípios do desenho urbano que tornam as nossas cidades e comunidades mais sustentáveis e inclusivas, nomeadamente em contextos suburbanos das grandes áreas metropolitanas, organizando o espaço público através das leyers amarelas, verdes, vermelhas e cinzentas, usando os padrões do Christopher Alexander e utilizado o sistema de estrutura visual da paisagem.

Após a compreensão do papel dos espaços públicos, enquanto produtores de sustentabilidade ambiental, proponho novos corredores verdes vindos de Lisboa até Loures, e a criação de espaços verdes que cozem a malha urbana junto com a mobilidade suave, e com o parque urbano, que irá dar um significado aos vazios existentes.

Com a análise da Várzea de Loures, nomeadamente com os seus atributos físicos, biológicas e culturais, que promovem a criação de uma rede de espaços verdes que regenerem os sistemas ecológicos, restabelecem corredores ambientais (vida selvagem, cursos de água, etc.) e suportam a biodiversidade das áreas urbanas, nomeadamente em São João da Talha, é possível entender que é um território desagregador devido a sua topografia e que em São João da Talha o aglomerado urbano encontra-se à volta da bacia hidrográfica do rio Trancão.

Ao observar o Parque da Várzea e Costeira de Loures (PVCL), e respetivos projetos propostos pela CML para a sua concretização, nomeadamente no que se refere à acessibilidade pedonal e ciclável bem como à definição das “Portas de Entrada” para a Várzea de Loures e tendo por base a planta dos vermelhos e amarelos, e com os novos pontos de ligação, como têm vindo a surgir em Sacavém, a criação da nova ponte que liga a EXPO a Santa Iria da Azóia, gera um ponto de articulação central, para quem visita, ou para quem sai do Concelho de Loures. Assim sendo, a permeabilidade que crio com a minha proposta de parque e de percursos, facilita a travessia do território de um ponto a outro.

Ao entender que a área de intervenção, Porta de São João da Talha, com vista à valorização do carácter e vocação daquele lugar, tem em conta os suporte físico natural, os aspetos bioclimáticos, a acessibilidade, os usos do solo, a estrutura do espaço edificado e do não edificado, reconheço que a área de intervenção do parque urbano a propor para a porta de São João da Talha situa-se sobre o terreno interface entre a Várzea de Loures e o planalto que a separa do rio Tejo.

O local concentra, portanto, três zonas fisiográficas diferenciadas: vale, encosta-costeira e planalto. A paisagem, apresenta uma grande riqueza topográfica com características únicas para parque. A planície da Várzea e o rio Trancão, a costeira de declive bastante acentuado e a zona de planalto com efeito de varanda sobre a paisagem da Várzea, Unhos na outra margem e ainda o rio Tejo e Almada ao fundo, enaltecem o carácter único deste lugar.

Delinear uma estratégia de intervenção para o Parque Urbano da Frente Costeira de São João da Talha que dê continuidade à rede de espaços verdes do PVCL (Parque da Várzea e Costeiras de Loures) e promover a ligação entre a Várzea e a Urbe, através da demarcação clara de uma porta de entrada, por um lado, e o remate da malha urbana, por outro. Este remate é resolvido com o cordão de vistas e com a abertura de quarteirões e o fecho de outros, gerando uma organização espacial que antes não existia. Novos serviços públicos e novos quarteirões com habitação, irão dar maior qualidade ao espaço. Tendo como base as minhas análises dos verdes e dos cheios e vazios, fica claro entender, onde e como fazer essa organização.

Por último, a colocação de mobiliário urbano, a criação de pontos de permanência com sombra (árvores e vegetação), para um parque de merenda, ou para um simples miradouro, onde se pode vislumbrar a paisagem sobre o território de Várzea, ou mesmo, caminhar pelo Cordão de Vistas, pode interagir com a natureza e tudo o que lhe pertence.

Referências Bibliográficas

ALCOFORADO, M. JOÃO (1987), “Brisas estivais do Tejo e do Oceano na região de Lisboa”, Revista Finisterra, Novembro 1987.

ALEXANDER, C., ISHIKAWA, S., and SILVERSTEIN, M. (1977), “*A Pattern Language: Towns, Buildings, Construction*” New York, Oxford University Press – Center for Environmental Structure, Berkeley, California.

ALEXANDER, C. (1972), “*The Nature of Order: An Essay on the Art of Building and the Nature of the Universe-Book Three, A Vision of a Living World*” Berkeley, California, The Center for Environmental Structure.

GIBSON, J. J. (1966), “The Senses Considered as Perceptual Systems”, Cornell University, London.

LAGRO, J. A., Jr (2001), “*Site Analysis-A Contextual Approach to Sustainable Land Planning and Site Design*” Hoboken, New Jersey, and Canada, Wiley Bicentennial.

FARIÑA TOJO, José (2001), “La ciudad y el medio natural” Malaga, Ediciones Akal.

Lista de Figuras

Figura 1 - Esquema do padrão City Country Fingers, (Alexander, 1977).....	18
Figura 2 - Planta do esquema de vermelhos, amarelos e verdes, escala quarteirão, (Alexander, 1972).	19
Figura 3 - Planta do esquema de vermelhos, amarelos e verdes, escala bairros, (Alexander, 1972). ..	19
Figura 4 – Esquema do padrão Garden Seat - (Alexander, 1977)	20
Figura 5 – Esquema do padrão High Places, (Alexander, 1977)	21
Figura 6 – Esquema de layers de acesso, (Alexander, 1977).....	22
Figura 7 – Esquema do padrão Holy Ground, (Alexander, 1977).....	22
Figura 8 – Esquema, intermediate goal do padrão Path and Goals, (Alexander, 1977).....	23
Figura 9 – Esquema, series of goals do padrão Path and Goals, (Alexander, 1977).....	23
Figura 10 - Esquema The actual Path do padrão Path and Goals, (Alexander, 1977)	24
Figura 11 - Esquema goals and paths do padrão Path and Goals, (Alexander, 1977).....	24
Figura 12 - Esquema acts of preservation do padrão Sacred Sites, (Alexander, 1977).....	25
Figura 13 – Esquema do padrão Site Repair, (Alexander, 1977).....	26
Figura 14 – Esquema do padrão Sitting Wall, (Alexander, 1977).....	27
Figura 15 - Esquema do padrão Tree Places, (Alexander, 1977).....	28
Figura 16 - Esquema do padrão Zen View, (Alexander, 1977)	28
Figura 17 – Esquema do padrão Zen View, (Alexander, 1977)	29
Figura 18 -Esquema de três Isovistas, (Benedikt, 1979).....	30
Figura 19 – Esquema de uma Isovista, (Benedikt, 1979)	30
Figura 20 – Esquema de três Isovistas, (Benedikt, 1979).....	31
Figura 21 - Futura rede de ciclovias em Lisboa	33
Figura 22 – Atual rede de Ciclovias em Lisboa Fonte: https://www.jornaldenegocios.pt/multimedia/fotogalerias/detalhe/como-vai-evoluir-a-rede-ciclavel-em-lisboa	33
Figura 23 - Mapa da Península de Lisboa, assinalando o Conselho de Loures e respetiva Várzea, imagem do grupo de trabalho. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	34
Figura 24 - Festos e talvegues no Concelho de Loures, imagem do autor. Fonte: QGIS, informação do PDM de Loures e desenho manual.....	35
Figura 25 - Bacias no Concelho de Loures, imagem do autor.	35
Figura 26 - A rede hidrográfica da bacia do Rio Trancão no concelho de Loures, imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.....	35
Figura 27 - Topografia da Várzea de Loure, imagem do autor.....	35
Figura 28 - Mapa solar do Concelho de Loures, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.....	36
Figura 29 -Rio Trancão e suas costeiras, imagem do grupo.	36
Figura 30 - Imagem da Várzea e Costeiras, imagem do grupo.....	36
Figura 31 -Vegetação natural, imagem do grupo.....	37
Figura 32 - Espécies de animais do local, imagem do grupo.....	37
Figura 33 – 1821, Carte Chonographique des Envions de Lisbonne, Fonte: Biblioteca Nacional, Cota: CC-1068R.....	38

Figura 34 – 1950, carta com os Nucleos de Loures, imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	38
Figura 35 – Planta de rede de caminhos e relevo, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	39
Figura 36 - Planta de relevo e mancha urbana, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	39
Figura 37 – Planta da topografia e mancha urbana, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	39
Figura 38 – Planta da topografia e rede de caminhos, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	39
Figura 39 - Paisagem Agrícola, imagem do grupo.	39
Figura 40 - Plantação de tomate, imagem do grupo.	39
Figura 41 - Caminho de Fátima e rio Trancão, imagem do grupo.	40
Figura 42 - Mobiliário urbano no caminho de Fátima, imagem do grupo. Fonte: Fotografia.	40
Figura 43 - Caminho de Fátima, imagem do grupo.	40
Figura 44 - Sinalética do caminho de Fátima, imagem do grupo. Fonte: Fotografia.	40
Figura 45 - Núcleos urbanos antigos, caminhos culturais + PP (PDM), imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	40
Figura 46 - Estações arqueológicas + caminhos culturais (PDM), imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	40
Figura 47 - Quintas + caminhos culturais (PDM)), imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	41
Figura 48 - Património classificado + caminhos culturais (PDM), imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	41
Figura 49 - Património de valores isolados + caminhos culturais (PDM), imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	41
Figura 50 – Planta da topografia e mancha urbana, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	42
Figura 51 – Planta de relevo e mancha urbana, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	42
Figura 52 – Planta de Freguesia e população, imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	42
Figura 53 – Localização da várzea em relação aos conselhos ao seu redor, imagem do grupo. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	42
Figura 54 – Plano Geral do PVCL, Projeto Naturba. Fonte: PDM de Loures.	43
Figura 55 - Extrato da carta de Uso de Solo do PDM de Loures.	44
Figura 56 – Costeira de São João da Talha, imagem do grupo. Fonte: Fotografia.	47
Figura 57 - Porta de São João da Talha. Fonte: PowerPoint da Câmara de Loures.	47
Figura 58 - Freguesia de São João da Talha, a oriente do PVCL, com destaque para o limite do Concelho de Loures, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.	49
Figura 59 - Planalto de São João da Talha, imagem do grupo. Fonte: Fotografia.	49
Figura 60 - Promontório de São João da Talha, imagem do grupo. Fonte: Fotografia.	50
Figura 61 - Camadas do solo.	51
Figura 62 - Seção fisiográfica no vale do Rio Trancão com o planalto de São João da Talha à direita, imagem do autor. Fonte: QGIS e Photoshop.	51

Figura 63 - Carta Solar para Lisboa, solstício de inverno, solstício de verão e equinócios. Fonte: sunpath3d	51
Figura 64 - Brisas de Vale-Montanha e Brisas Marinhas-Terrestres presentes na área de intervenção, (Farina Tojo, 2001).	52
Figura 65 - Rosas do Ventos mensais em Cabo Ruivo e no Montijo, (Alcoforado, 1987)	53
Figura 66 - Exposição solar de Loures, imagem do autor. Fonte: Qgis e informação do PDM de Loures	54
Figura 67 – Curvas de nível, Relação figura fundo e cheios e vazios, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.....	55
Figura 68 - Estrutura funcional dos layers urbanos, imagem do autor. Fonte: QGIS.....	55
Figura 69 - Análise SWOT, imagem do autor. Fonte: Photoshop.....	56
Figura 70 - Planta esquemática de Vermelhos, amarelos e verdes de São João da Talha, imagem do autor. Fonte: QGIS.....	56
Figura 71 – Diagrama do Lugar, imagem do autor. Fonte: QGIS, sunpath3d.....	57
Figura 72 - Esquício AML e seus verdes, imagem do autor.....	59
Figura 73 - Esquício AML e seus verdes, imagem do autor.....	59
Figura 74 – Planta AML com os espaços verdes e acessos de Lisboa até Loures, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Lisboa e Loures.....	60
Figura 75 – Rio Trancão, Freguesia de Unhos e São João da Talha, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.....	61
Figura 76 - Esquício do limite do Parque Urbano em São João da Talha e do cordão de vistas, imagem do autor.....	62
Figura 77 - Esquício do limite do Parque Urbano em São João da Talha, imagem do autor.....	62
Figura 78 - Esquício do limite do Parque Urbano em São João da Talha e da rede de caminhos, imagem do autor.....	62
Figura 79 – Esquício do Parque Urbano e cordão de vistas, imagem do autor.....	63
Figura 80 - Esquício do Parque Urbano, rede viária e ciclável, bolças de estacionamento, proposta de edificado e pontos de permanência, imagem do autor.	63
Figura 81 – Esquício do Parque Urbano com a rede viária e ciclável, imagem do autor.	63
Figura 82 - Esquício do Parque Urbano, permeabilidade e proposta de edificado, imagem do autor. .	64
Figura 83 - Esquício do limite do Parque Urbano, imagem do autor.	64
Figura 84 - Esquício do Parque Urbano, da permeabilidade, dos pontos visuais, dos miradouros e da rede de acessos, imagem do autor.	65
Figura 85 - Planta do Cordão de Vistas, imagem do autor.....	66
Figura 86 – Planta do Cordão de Vistas, imagem do autor.....	66
Figura 87 - Esquício do Parque Urbano, da permeabilidade, dos pontos visuais, dos miradouros e da rede de acessos, imagem do autor.	67
Figura 88 – Esquemas visuais, (Gibson, J. J.,1966), Seção fisiográfica no vale do Rio Trancão com o planalto de São João da Talha à direita, imagem do autor. Fonte: QGIS e Photoshop e os Padrões - (Alexander, 1977).	67
Figura 89 – Esquema do cordão de vistas, pontos de permanência e acessos, imagem do autor. Fonte: QGIS e informação do PDM de Loures.....	68
Figura 90 - Esquema de um miradouro, imagem do autor.	68
Figura 91 – Esquema de um miradouro, imagem do autor.	68

Figura 92 - Planta do Cordão de Vistas, verdes, amarelos, vermelhos, cinzentos, e imagens do ambiente, imagem do autor.	69
Figura 93 - Planta do Cordão de Vistas, verdes, amarelos, vermelhos, cinzentos, e imagens do ambiente, imagem do autor.	70
Figura 94 - Fotomontagem do miradouro Padre Jesuíta Vicente Rodrigues, imagem do autor.....	70
Figura 95 - Imagem do Convento de Santa Clara a Nova, imagem do grupo. Fonte: Fotografia	79
Figura 96 - Imagem do Convento de Santa Clara a Nova, imagem do grupo. Fonte: Fotografia	79
Figura 97 - Painéis finais do grupo, imagens do grupo. Fonte: Ortofotomapa do QGIS	80
Figura 98 - Maquete final de grupo a 1/1000, com proposta do parque urbano, edificado proposto, cordão de vistas e caminhos propostos.	81
Figura 99 - Maquete final de grupo a 1/1000, com proposta do parque urbano, edificado proposto, cordão de vistas e caminhos propostos.	81
Figura 100 - Maquete final de grupo a 1/1000, com Unhos, o rio Trancão e São João da Talha, com a proposta do parque urbano, edificado proposto, cordão de vistas e caminhos propostos.	82
Figura 101 - Maquete final individual a 1/500, em e São João da Talha, com a proposta do edificado, junto ao miradouro, Padre Jesuíta Vicente Rodrigues com os caminhos entre a cumeeira (São João da Talha) e o vale (caminho de Fátima).	82
Figura 102 - Maquete final individual a 1/500, em e São João da Talha, com a proposta do edificado, junto ao miradouro, Padre Jesuíta Vicente Rodrigues com os caminhos entre a cumeeira (São João da Talha) e o vale (caminho de Fátima).	83
Figura 103 - Painel de grupo	84
Figura 104 - Painel de grupo	85
Figura 105 - Painel individual	86
Figura 106 - Painel individual	87
Figura 107 - Painel individual	88
Figura 108 - Painel individual	89

Anexos

Workshop PFA 2020/21

No âmbito do FISTA21, realizou-se um workshop com os coordenadores (Atelier do Corvo) integrando um conjunto de convidados da Universidade de Coimbra (João Mendes Ribeiro, António Bandeirinha, José Fernando Gonçalves, Nuno Grande, etc) a fim de estimular a criatividade, trabalho em grupo e aproximação com as restantes turmas do 5 ano. Foram criados 10 grupos de trabalho de forma aleatória com os alunos das diversas turmas, bem como com a coordenação dos trabalhos por um(a) mentor(a) (Arquitectos(as) recém-formados(as) do Iscte. O último dia foi de apresentações com a presença da Arquitecta Desirée Pedro e do Arquitecto Carlos Antunes - Atelier do Corvo.

Este trabalho teve também uma ligação à Bienal de Arte Contemporânea de Coimbra (sendo os trabalhos apresentados no âmbito deste workshop expostos na Bienal), e ao Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra.

A semana de trabalho foi dividida entre Coimbra, no Mosteiro de Santa-Clara-a-Nova e o Iscte e foi-nos proposto uma Intervenção nos terrenos circundantes ao Mosteiro de Santa Clara-a-Nova de forma a criar ligações entre as “duas Coimbras” divididas pelo rio.

Como já dito, tivemos a oportunidade de trabalhar na zona a intervir o que facilitou nas visitas ao local de forma a entender e debater as problemáticas existentes. O exercício consistia em entender a relação do mosteiro e a cidade, qualidades do local, perceber os limites físicos e gerar novos limites, como resolver as ligações entre as “duas Coimbras”. Os elementos a entregar foram painéis, fotos de maquetas assim como as mesmas.



Figura 96 - Imagem do Convento de Santa Clara a Nova, imagem do grupo. Fonte: Fotografia



Figura 95 - Imagem do Convento de Santa Clara a Nova, imagem do grupo. Fonte: Fotografia



Figura 97 - Painéis finais do grupo, imagens do grupo. Fonte: Ortofotomapa do QGIS

Tivemos como objetivo de grupo primeiro entender a importância da localização do convento, perceber a envolvente urbana maioritariamente constituída por bairros de casas, a relação com o rio e o outro lado da margem. Percebemos que a água é um elemento de ligação, a existência de um antigo aqueduto e a relação com o convento era muito forte, assim sendo, como proposta decidimos trabalhar o sensitivo e a ligação visual que o percurso de água cria até chegar a margem do rio.

Assim no (painel 1) assinalamos o percurso a linha azul, onde criamos um percurso tanto visual como percorrível, começando no ponto mais alto, que é o onde começa o antigo aqueduto e que se encontra desativado, mas que serve como ponto visual e de percurso até ao convento. Entrando no convento, foram criados pontos de água que servem como guias para guiar as pessoas até ao claustro do Convento. Foram aproveitados os acessos já existentes e criamos outros pontos de entrada estratégicos para o acesso ao claustro.

Saindo do claustro descemos para uma cota mais baixa onde antigos pontos de água seriam aproveitados gerando um espelho de água. Seguindo a água iremos dar a um segundo momento de espelho de água que termina no limite do convento. Junto a este local é criado um outro ponto de acesso onde passa pela traseira de casas até chegar a Rua Coelho da Rocha onde a pessoa depois pode terminar o seu percurso até a Av. Conimbriga.

Maquetes Finais



Figura 98 - Maquete final de grupo a 1/1000, com proposta do parque urbano, edificado proposto, cordão de vistas e caminhos propostos.



Figura 99 - Maquete final de grupo a 1/1000, com proposta do parque urbano, edificado proposto, cordão de vistas e caminhos propostos.

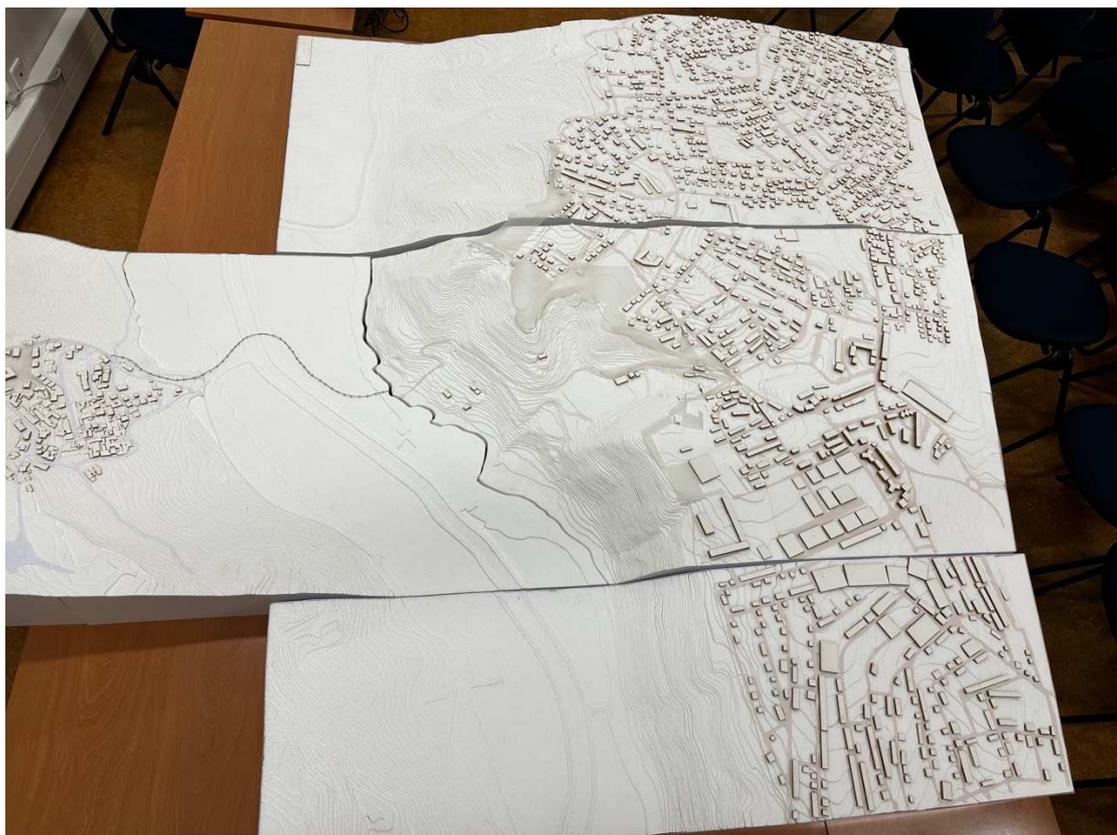


Figura 100 - Maquete final de grupo a 1/1000, com Unhos, o rio Trancão e São João da Talha, com a proposta do parque urbano, edificado proposto, cordão de vistas e caminhos propostos.



Figura 101 - Maquete final individual a 1/500, em e São João da Talha, com a proposta do edificado, junto ao miradouro, Padre Jesuíta Vicente Rodrigues com os caminhos entre a cumeeira (São João da Talha) e o vale (caminho de Fátima).

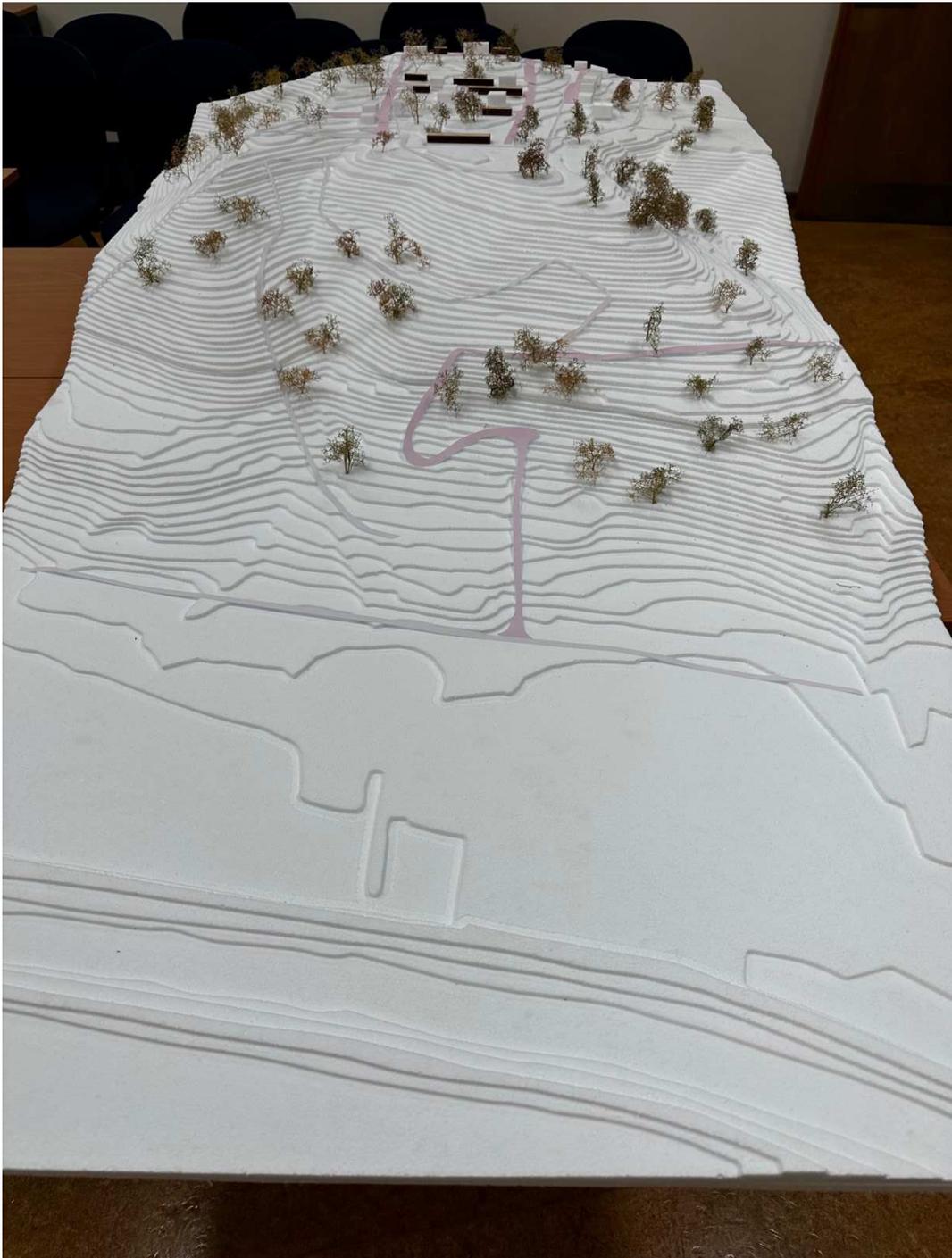


Figura 102 - Maquete final individual a 1/500, em e São João da Talha, com a proposta do edificado, junto ao miradouro, Padre Jesuíta Vicente Rodrigues com os caminhos entre a cumeeira (São João da Talha) e o vale (caminho de Fátima).

01 | Parque Urbano da Frente Costeira de São João da Talha: Uma Estratégia de Intervenção para o Desenho da Cidade Sustentável e Inclusiva

Cristina Rodrigues - 53756 João Jardim - 73248

Área de Estudo

A Várzea-PVCL com 1733 ha, localiza-se no coração de Loures e ocupa 11% da área do concelho. Com um carácter de parque intermunicipal, ocupa uma área central pouco povoada, ligando as cidades de Loures e Sacavém. Cerca de 80% da população reside na envolvente da Várzea. Com uma forte presença de água (rios, ribeiras, valas...), sendo o rio Trancão o principal, o PVCL pode vir a servir os habitantes, tanto na sua envolvente como os da área metropolitana norte de Lisboa.



- Legenda**
- Cútuvas ribeirinhas existentes.
 - Ligação ciclável de Sacavém a Santa Iria (a realizar pela câmara de Loures).
 - Área de intervenção João Jardim.
 - Área de intervenção Cristina Rodrigues.
 - Área de intervenção João Jardim com o caminho de caminhada e cicloviáveis existentes.
 - Linhas de água, barragem
 - Áreas verdes de Lisboa.

Estrutura ecológica de Lisboa a Loures, Ciclovias intermunicipais, localizações das propostas de grupo.



Fonte: Câmara de Lisboa



Fonte: Imagens de grupo



Fauna e flora.

Uso do solo.

Núcleos urbanos e edificado.

Figura 103 - Painel de grupo

02 | Parque Urbano da Frente Costeira de São João da Talha: Uma Estratégia de Intervenção para o Desenho da Cidade Sustentável e Inclusiva

Cristina Rodrigues - 53756 João Jardim - 73248

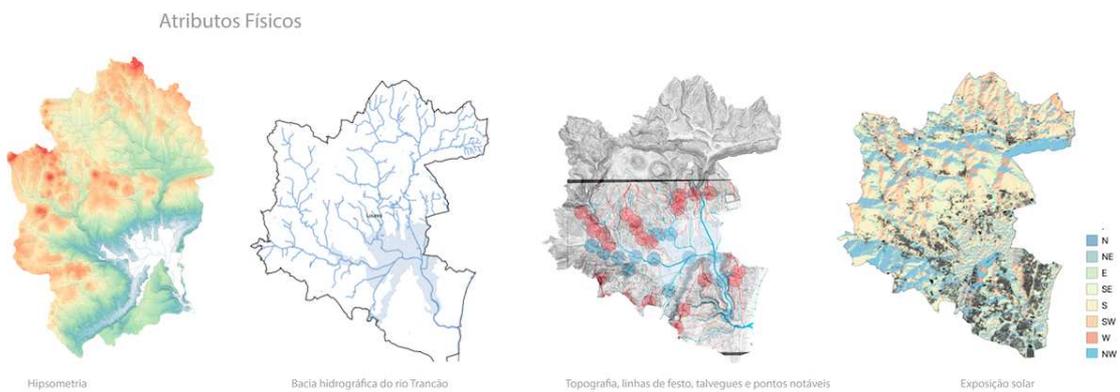
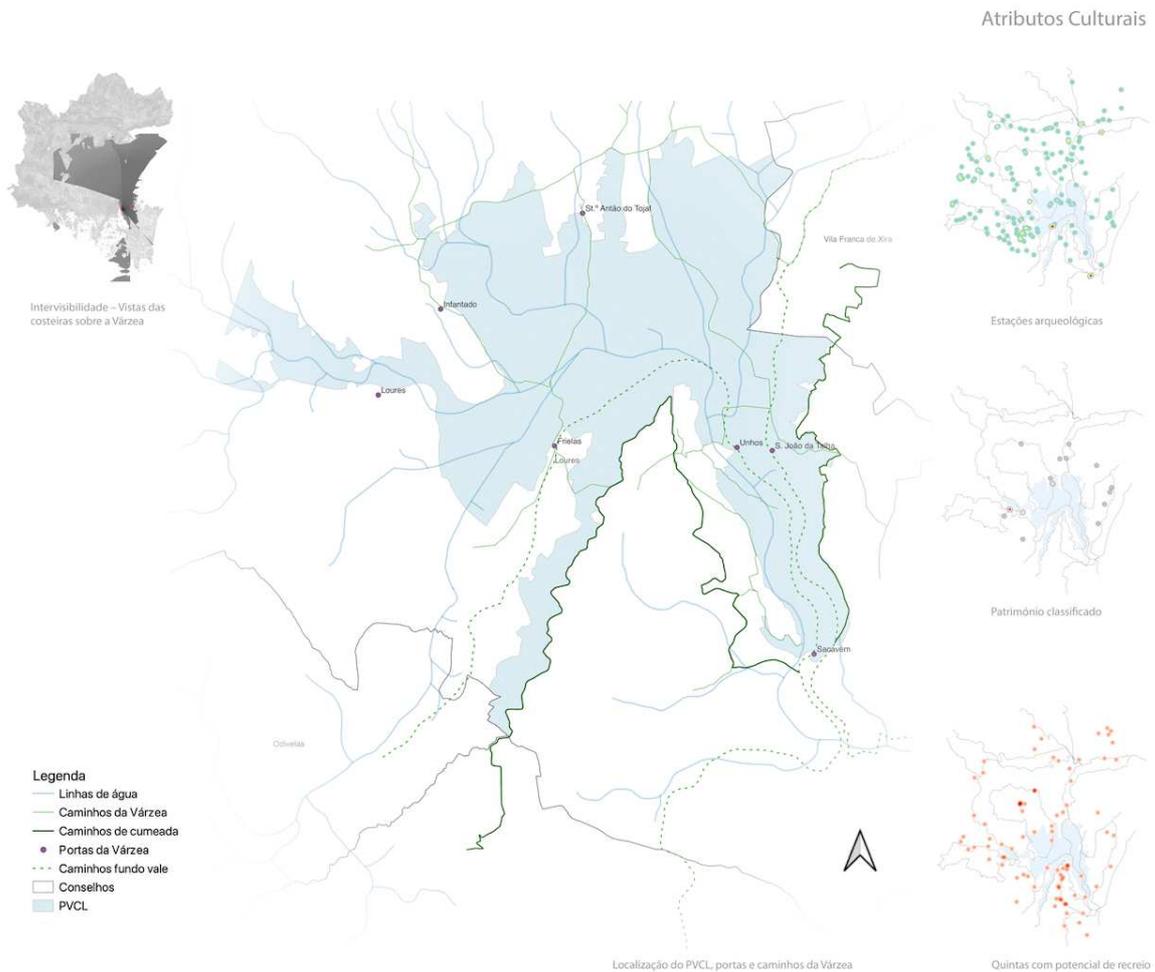


Figura 104 - Painel de grupo

03 | Parque Urbano da Frente Costeira de São João da Talha: Uma Estratégia de Intervenção para o Desenho da Cidade Sustentável e Inclusiva

Cristina Rodrigues - 53756

Área de Intervenção

Localizada na zona oriental, a Várzea de Loures, a área de intervenção localiza-se, em São João da Talhada, sobre a zona da Costeira entre a urbe e a Várzea e caracteriza-se pelo seu elevado cénico, sobre a paisagem da Várzea e rio Tejo.

Metodologia

Projetar com o lugar, implica um mapeamento in loco dos vários atributos físicos, biológicos, etc...

O desenvolvimento das estratégias e propostas de intervenção terão como base, tirar partido das potencialidades existentes no lugar bem como a diminuição dos problemas encontrados.

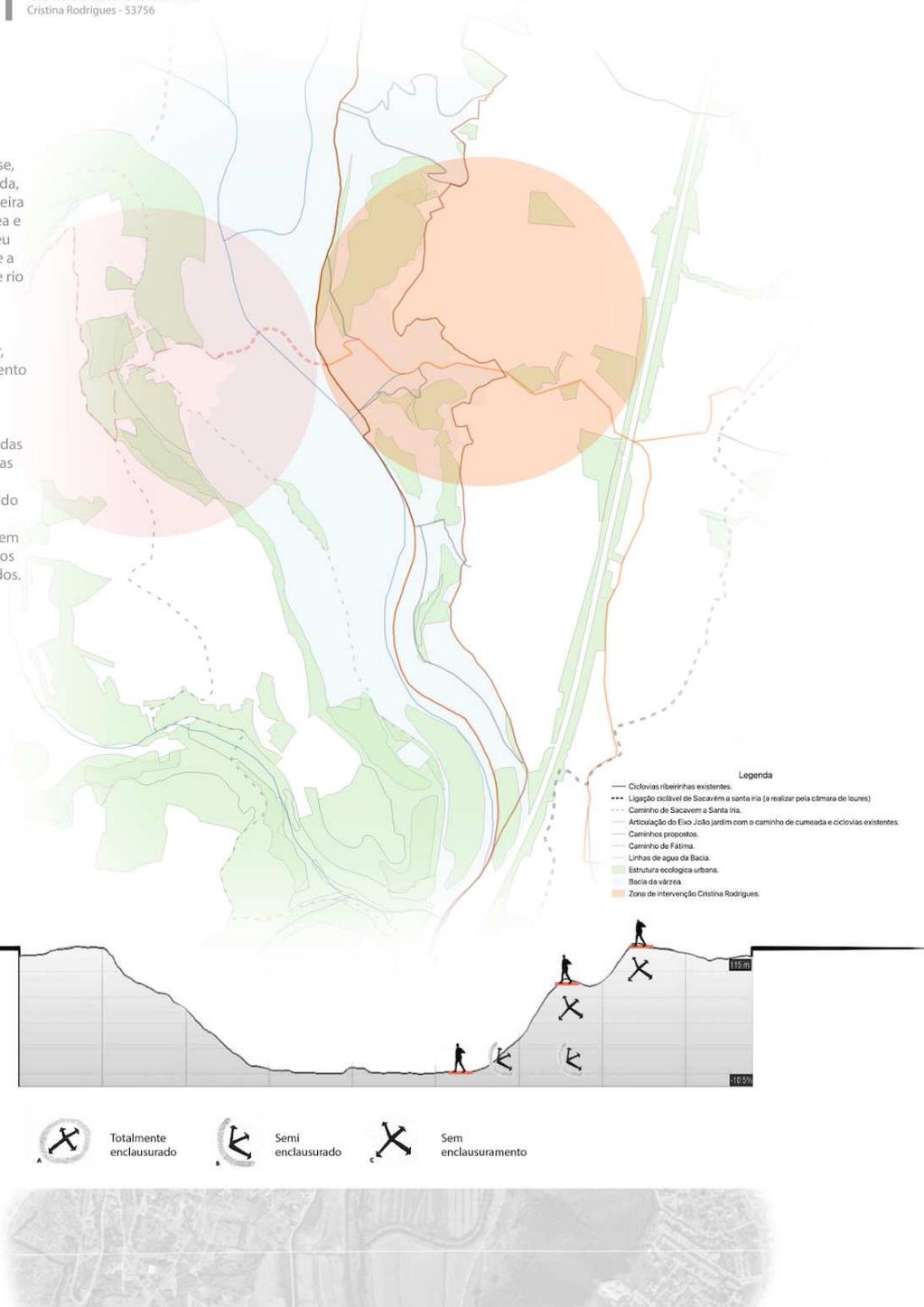


Figura 105 - Painel individual

04

Parque Urbano da Frente Costeira de São João da Talha:

Uma Estratégia de Intervenção para o Desenho da Cidade Sustentável e Inclusiva

Cristina Rodrigues - 53756

Problemática

"Ligar a Várzea à Urbe"

Estando o PVCL numa zona estratégica privilegiada, no contexto da AML, existe uma barreira topográfica entre as suas costeiras e as freguesias em seu redor. Tal facto faz com que não haja ligação entre o Parque e a Urbe tendo como consequência a subutilização da Várzea por um lado e a ausência de espaços verdes estruturados em zonas habitacionais por outro, apesar da CM de Loures ter vindo a desenvolver vários Parques Urbanos na zona norte da Várzea, com índices de populacionais, onde estas interfaces não existem. Assim nasce a ideia de criar um Parque Urbano em S. João da Talha, que qualifique os acessos e aproveitamento dos espaços vazios sem uso, espalhados pela



Objectivos

Criar um **Parque Urbano da Frente Costeira de São João da Talha** para que incentive ao usufruto do PVCL (Parque da Várzea e Costeiras de Loures), a fim de promover o local, melhorando e dando novos usos aos vazios existentes, criando, pontos de permanência (miradouros), ligados por um percurso que articule o lazer, desporto, cultura, etc... tomando sempre como base a mobilidade suave (pedonável e ciclável).

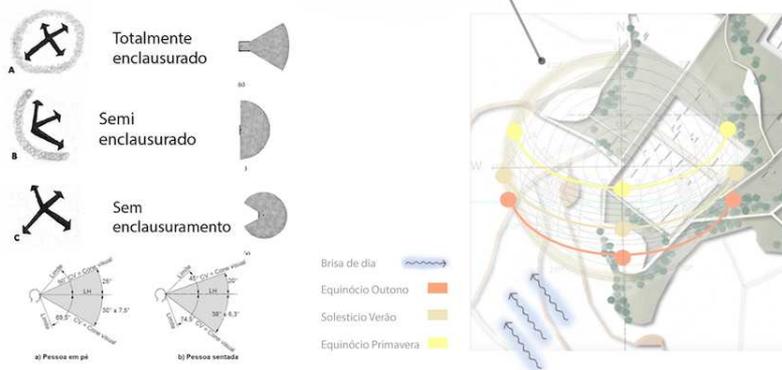


Figura 106 - Painel individual

05 | Parque Urbano da Frente Costeira de São João da Talha: Uma Estratégia de Intervenção para o Desenho da Cidade Sustentável e Inclusiva

Cristina Rodrigues - 53756



Figura 107 - Painel individual

06 | Parque Urbano da Frente Costeira de São João da Talha: Uma Estratégia de Intervenção para o Desenho da Cidade Sustentável e Inclusiva

Cristina Rodrigues - 53756



Figura 108 - Painel individual